

STAR OF REBELLION I



UMA HISTÓRIA ESCRITA POR

VITOR ALVES FELISMINO

— CAPÍTULO UM —

No Bar Mi-rok

Na vasta e tumultuada galáxia sob o jugo da Alta Inquisição, a luz das estrelas parecia meros pontilhados de esperança em meio à escuridão sufocante. Em Nekra, um planeta decadente repleto de neons cintilantes e becos fétidos, um bar em especial servia como refúgio para os desajustados e os desesperados: Mi-rok.

O ambiente pulsava com a música estridente e alienígena, as luzes piscando em ritmos caóticos enquanto uma névoa colorida se erguia do chão. O bar estava abarrotado de seres de todas as espécies, cada um tentando esquecer os horrores do dia sob o governo tirânico da Alta Inquisição. Criaturas alienígenas sussurravam em cantos sombrios, traficantes negociavam mercadorias ilícitas, e pilotos cansados buscavam um pouco de paz em suas bebidas.

No fundo do bar, em uma mesa afastada, Kane, um contrabandista de sorriso fácil e charme perigoso, jogava cartas com um grupo de soldados da Alta Inquisição. O jogo, conhecido como Kronis, envolvia um conjunto intrincado de cartas holográficas que mudavam de valor conforme o ambiente ao redor reagia a humores e vibrações. Ao seu lado, um robô alto e esguio, Z3-PO, observava com seus olhos luminosos e braços cruzados.

— Kane, você está se superando hoje — comentou Z3-PO com um tom sarcástico, seu corpo metálico refletindo as luzes dançantes do bar. — Seria uma pena se todo esse talento fosse desperdiçado.

— Cala a boca, Z3-PO — murmurou Kane, enquanto deslizava outra carta na mesa. — Deixe-me concentrar.

A tensão na mesa era palpável. Os soldados da Alta Inquisição, uniformizados e armados, olhavam para Kane com desconfiança crescente. Suas expressões endureciam a cada vitória do contrabandista.

— Você está trapaceando, Kane — rosnou um dos soldados, os olhos estreitos sob o capacete escuro.

— Trapaceando? Eu? — Kane respondeu com um sorriso de escárnio. — Só porque não conseguem acompanhar o jogo não significa que estou trapaceando.

Z3-PO inclinou a cabeça, seu sensor ocular emitindo um brilho cômico.

— Realmente, Kane, você deveria escrever um manual sobre como fazer amigos em cada canto da galáxia.

Kane revirou os olhos.

— Se você não parar, vou te vender como sucata.

O soldado que havia acusado Kane de trapaça bateu com força na mesa, derrubando as cartas e espalhando as fichas de créditos.

— Você nos deve, Kane. E vamos levar isso com juros — ameaçou ele, puxando um bastão de plasma.

Antes que o primeiro golpe pudesse ser desferido, Kane, com uma agilidade surpreendente para alguém tão embriagado, se esquivou e desferiu um soco no estômago do soldado. O bar virou um caos de gritos e sons de luta. Z3-PO, embora programado

para sarcasmo e não combate, lançou-se contra um dos soldados, emitindo faíscas e chiados enquanto tentava derrubá-lo.

A luta foi breve, mas intensa. Kane e Z3-PO saíram vitoriosos, embora ofegantes. O bar retornou lentamente ao seu estado habitual de murmúrios e música. Foi então que um homem de meia-idade, de aparência tranquila e misteriosa, se aproximou de Kane.

Ele puxou uma cadeira e sentou-se à mesa, mas antes de começar a falar, olhou rapidamente para os lados, como se verificasse a presença de ouvidos indiscretos. Com um gesto cauteloso, retirou o capuz que cobria seu rosto. Kane ficou surpreso ao ver um homem cansado, com cerca de cinquenta anos, e uma grande queimadura na direita de seu rosto.

Darius sorriu, mas havia uma tristeza profunda em seu olhar. Kane não pôde deixar de se perguntar o que havia acontecido, mas antes que pudesse formular a pergunta, a voz de Darius ecoou em sua mente.

— Não é de seu interesse.

Kane piscou, confuso. O que tinha acabado de acontecer? Darius, percebendo a expressão de perplexidade no rosto de Kane, continuou.

— Meu nome é Darius Venn — disse ele com uma voz tranquila, tomando um gole de sua bebida. — Eu estava assistindo sua performance. Impressionante.

As bebidas chegaram, e Darius empurrou uma delas na direção de Kane — Beba. Precisamos conversar.

Kane pegou a bebida, mas seus olhos se estreitaram enquanto observava Darius. — O que você quer comigo?

— Ouvi dizer que você é um dos melhores contrabandistas dessa galáxia — disse Darius, seu olhar fixo em Kane. — E eu preciso de alguém com suas habilidades para uma missão... peculiar. Estou disposto a pagar generosamente.

Kane ergueu uma sobrancelha, avaliando Darius. Ele notou um brilho distinto de riqueza e poder nas roupas do homem.

— E qual é a carga?

— Algo pequeno, mas de valor inestimável — respondeu Darius enigmaticamente. — Tudo o que você precisa fazer é transportar para um planeta chamado Savante. Claro, isso significará evitar as garras da Alta Inquisição e, mais especificamente, de Mordex.

Ao ouvir o nome de Mordex, o líder cruel da Alta Inquisição, Kane sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Mordex era conhecido por sua crueldade implacável e poder avassalador. No entanto, a menção de uma paga generosa despertou o interesse de Kane. Enquanto Darius falava, Kane não pôde deixar de notar o brilho das joias discretas no pescoço e nos pulsos do homem. Uma ideia rápida e arriscada passou por sua mente. Ele estendeu a mão, fingindo um aperto de mão amistoso, mas com a intenção de agarrar uma das joias.

Antes que pudesse tocar Darius, uma voz gelada e firme ecoou dentro de sua mente: — Não faça isso. Eu vejo seus pensamentos e vontades. Não me faça te matar aqui.

Kane congelou, seus olhos arregalados. Ele olhou para Darius, que continuava sorrindo serenamente, como se nada tivesse acontecido.

— Vejo que nos entendemos — disse Darius em voz alta, tomando outro gole de sua bebida. — A carga será entregue a você ao amanhecer. Prepare-se para partir imediatamente.

Mas antes que Kane pudesse responder, Darius se levantou e puxou o manto com um gesto fluido. Neste momento, Kane avistou um emblema bordado em seu manto: dois Ls, um normal e o outro invertido, que brilharam sob a luz do bar. O coração de Kane disparou.

— Espere um minuto — disse ele, a voz trêmula. — Você é... um cavaleiro Qen-Da?

– CAPÍTULO DOIS –

Carga Doce Carga

O crepúsculo avermelhado de Nekra lançava sombras longas e sinistras sobre o campo de mineração abandonado. Torres de perfuração enferrujadas e tanques de gás destruídos pontilhavam a paisagem árida, enquanto o vento quente soprava areia e poeira pelo ar, criando uma melodia lúgubre no silêncio. Kane apertou os olhos, tentando avistar algum movimento no horizonte.

Z3-PO, ao seu lado, movia suas articulações metálicas com cuidado, tentando evitar que grãos de areia entrassem em suas engrenagens.

— Devo dizer, Kane, o cenário é absolutamente encantador. Se quisermos contrabandear melancolia, estamos no lugar certo.

Kane bufou, apertando os passos em direção à torre central, o local marcado para o encontro.

— Será que, só por um momento, você poderia parar com isso?

Z3-PO inclinou a cabeça, as luzes de seus olhos piscando em tons de laranja.

— Claro. Eu poderia ficar em silêncio. Mas seria uma pena desperdiçar minhas habilidades linguísticas enquanto você caminha direto para uma armadilha evidente.

Kane parou ao ouvir isso, virando-se com irritação.

— Não é uma armadilha. Darius precisa de mim, e sabe que não vai conseguir outro idiota disposto a enfrentar Mordex.

O robô respondeu com um som semelhante a uma risada simulada.

— Não poderia ter dito melhor.

Antes que Kane pudesse replicar, o som de passos ecoou pela estrutura metálica da torre. Uma figura encapuzada emergiu da sombra de um antigo tanque de gás. Era Darius, com sua postura tranquila e a cicatriz que marcava um lado de seu rosto iluminada pelos últimos raios do sol.

— Vejo que você veio, Kane — disse Darius, sua voz firme, mas sem hostilidade.

— Você pagou metade adiantado. Como não vir? — Kane respondeu com um tom mordaz, embora seus olhos ficassem atentos aos arredores. — Vamos acabar logo com isso.

Darius sorriu levemente e, sem dizer mais nada, estendeu as mãos. Ele carregava um recipiente peculiar, semelhante a uma cápsula de bebê, com vidro azulado e reforços metálicos em suas extremidades. Pequenos furos laterais permitiam a entrada de ar, e um brilho tênue pulsava no interior, como se algo vivo estivesse lá dentro.

— Aqui está a carga — disse Darius, com cuidado, entregando o recipiente a Kane. — Trate-a com cuidado.

Kane pegou a cápsula com relutância, seus olhos examinando o objeto enquanto sentia o peso em suas mãos.

— Não me diga que isso é o que eu acho que é.

— Isso não é importante agora — respondeu Darius, cruzando os braços. — O que importa é que você leve isso até Savante. Sem perguntas, sem desvios.

Z3-PO inclinou-se, suas câmeras ajustando-se para focar na cápsula.

— Parece uma incubadora. Talvez seja um bebê alienígena, Kane. Que adorável. Acho que agora você é uma babá interestelar.

Kane girou os olhos com exasperação.

— Eu deveria te ter deixado enferrujar naquele ferro-velho.

Darius ignorou a troca de palavras e continuou, seu tom ficando mais grave:

— O conteúdo desta cápsula é mais importante do que você pode imaginar. Proteja-o com sua vida.

Kane deu um passo à frente, sua paciência se esgotando.

— Escute aqui, Darius. Eu não sou fã de enigmas. Já estou arriscando meu pescoço com Mordex à espreita, então acho que mereço pelo menos saber o que estou transportando.

Darius fixou seu olhar penetrante em Kane, como se estivesse avaliando se valia a pena revelar mais.

— A verdade virá com o tempo. Mas posso lhe garantir uma coisa: você está carregando a uma... esperança.

Antes que Kane pudesse protestar, Darius recuou para as sombras, desaparecendo como havia chegado.

Z3-PO balançou a cabeça metálica, em tom de zombaria.

— Uma esperança. Que responsabilidade inspiradora, Kane. Espero que você tenha um plano brilhante para nos tirar dessa confusão.

Kane suspirou profundamente, ajustando a cápsula em seus braços.

— Meu plano? Sobreviver. Agora vamos para a nave antes que eu me arrependa disso.

Os dois caminharam em silêncio de volta à Hunter, que aguardava camuflada em um vale próximo. A entrada da nave se abriu com um zumbido suave, e Kane colocou a cápsula no compartimento de carga.

Quando finalmente se sentou no cockpit, ele passou a mão pelos cabelos, tentando organizar seus pensamentos.

— Z3, verifique os sistemas. Vamos sair deste maldito planeta.

— Claro, capitão. Partamos para a nossa gloriosa ruína — respondeu o robô, enquanto conectava seus sensores aos controles.

A Hunter elevou-se lentamente do solo, o brilho dos motores iluminando o deserto ao redor. Kane olhou pela janela, sua mente dividida entre a ansiedade e a determinação. Ele sabia que aquela missão era muito mais do que parecia — e que estava entrando em algo que mudaria sua vida para sempre.

Enquanto o céu de Nekra ficava para trás, ele murmurou para si mesmo:

— Isso vai acabar mal, eu já sei.

A Hunter subiu lentamente do solo arenoso de Nekra, suas potentes turbinas rugindo enquanto a nave cortava o ar quente e seco. Kane ajustou o controle da nave, sentindo a tensão em seus ombros. Cada vez que ele olhava para a cápsula com a incubadora azulada, um peso crescia dentro dele, e a dúvida só aumentava.

— Z3, como estão os sensores? Estamos limpos? — Kane perguntou, tentando manter a calma.

O robô, sempre com sua língua afiada, respondeu enquanto passava seus sensores pela nave.

— Ah, claro, Kane. Tudo está perfeito. Nenhum sinal de Mordex ou das sentinelas da Alta Inquisição... ainda. Mas, entre nós, eu diria que estamos prestes a ser cercados, só para adicionar um pouco de emoção à sua vida de contrabandista.

Kane cerrou os dentes e olhou para os monitores. O céu estava claro à medida que a nave se afastava de Nekra, mas algo no ar parecia errado. Um zumbido metálico atravessou os alto-falantes da nave.

— Kane, você está sendo monitorado. Algo grande se aproxima. — Z3-PO alertou, sua voz abrupta.

Sem dizer nada, Kane apertou os controles, inclinando a Hunter para um curso mais direto, tentando escapar de qualquer presença indesejada. No entanto, antes que pudesse reagir, um grupo de naves sentinelas da Alta Inquisição apareceu nos radares, alinhando-se para interceptar.

— Merda! — Kane gritou, puxando a alavanca com força para virar a nave para a esquerda, mas as sentinelas estavam rápidas, e logo se aproximaram, disparando feixes de plasma em sua direção.

A nave tremeu com o impacto de alguns tiros, e os monitores começaram a emitir alertas de falhas nos sistemas.

— Z3, onde está o ponto de fuga? — Kane perguntou, suas mãos rapidamente ajustando os controles de manobra.

— Ah, não se preocupe, capitão. Tenho certeza de que conseguiremos sair dessa, ou pelo menos, morreremos tentando — respondeu Z3-PO com um tom sarcástico. — Além disso, você está mais focado em fugir do que no que realmente importa.

Kane franziu a testa.

— Não me faça lembrar agora, Z3.

Uma explosão sacudiu a Hunter, e a cápsula contendo a incubadora caiu de seu lugar, rolando pela cabine. O impacto fez com que o vidro azulado se rachasse, e Kane sentiu um gelo na espinha. Sem hesitar, ele agarrou a cápsula e correu até o compartimento de carga para verificar o que havia acontecido.

Ao abrir a cápsula, uma visão chocante o aguardava. Dentro, em um pequeno tecido que mais parecia uma manta aquecida, estava uma criatura de aparência humana. Um bebê, com pele pálida, olhos fechados, mas os pequenos dedos se movendo lentamente, como se já estivesse respirando.

Kane ficou paralisado por um momento, observando a criatura, sem saber o que pensar. Sua mente estava em conflito — ele estava transportando uma criança, mas não qualquer criança. O pequeno ser tinha algo de familiar e, ao mesmo tempo, algo profundamente perturbador. Ele olhou para Z3-PO, que estava ao seu lado, observando a cena com seus sensores ajustados.

— Eu diria que o pequeno está bem saudável. Talvez seja um prodígio de alguma espécie exótica... ou uma bomba-relógio, se preferir pensar assim — Z3-PO comentou, suas palavras frias, mas provocativas.

Kane fechou os olhos por um momento, respirando fundo. O bebê parecia tão frágil, tão inocente, mas o que isso significava? Ele não sabia o que estava transportando. O que faria ele arriscar sua vida por essa criança? A dúvida cresceu dentro dele, como uma sombra que ameaçava engolir suas certezas.

— Isso é... isso não pode ser real. Isso não pode estar acontecendo — murmurou Kane, sentindo o peso da responsabilidade aumentar a cada segundo.

Mas, então, a voz de Z3-PO, sempre afiada, cortou o silêncio novamente.

— O dilema moral está te matando, Kane. Por que se preocupar com um bebê quando a Alta Inquisição está à sua caça? E não se esqueça, Mordex deve estar assistindo tudo de perto. O que você vai fazer? Fugir com a criança ou entregar tudo e se salvar?

Kane olhou para o bebê novamente, agora com mais clareza. Ele sabia que a criança era mais do que parecia. Ela estava ligada a algo muito maior, a uma causa que ele ainda não compreendia totalmente, mas sabia que ele estava no centro de algo perigoso. O peso da decisão pesava sobre ele, e ele teve a sensação de que não tinha mais como voltar atrás.

Com um suspiro profundo, Kane ajustou a cápsula de volta ao compartimento de carga, prendendo-a firmemente. Ele sabia que tinha que continuar, mas a incerteza o corroía por dentro.

— Z3, faça o que for necessário para nos tirar dessa — disse Kane com voz tensa, suas mãos já se movendo rapidamente para os controles da nave. — Estamos indo para Savante, e agora não há mais volta.

— Ah, claro, Kane. Claro — respondeu Z3-PO, em seu tom usualmente irônico, mas com um toque de algo mais sério. — Mas só para você saber, talvez nem você saiba mais o que está fazendo.

Kane não respondeu. A Hunter estava agora completamente focada na fuga, sua velocidade aumentando à medida que ele se aproximava da linha do horizonte estelar, mas com as naves sentinelas ainda em sua cola. E com isso, a certeza de que sua missão havia se tornado uma corrida contra o tempo.

Kane ainda segurava o pequeno bebê nos braços, enquanto a tensão enchia a cabine da Hunter. Ele sentia o peso de cada respiração da criança, tão vulnerável e pequena, contra sua pele. Seu olhar fixava-se no bebê com uma mistura de incredulidade e culpa. A revelação de que ele estava transportando uma vida humana, especialmente a vida que poderia estar ligada a Mordex, o inimigo mais temido da galáxia, era quase impossível de processar.

Z3-PO quebrou o silêncio, como sempre:

— Eu devo dizer, Kane, isso certamente não é o que esperávamos. Você já considerou uma nova profissão? Talvez babá? Parece que o destino o escolheu para isso.

Kane não respondeu de imediato. Ele estava imóvel, como se o peso daquela missão estivesse sugando toda a sua energia. Finalmente, murmurou:

— Um bebê. Um maldito bebê... Como isso foi acontecer? Como eu me meti nisso?

— Bem, você aceitou um trabalho sem perguntar detalhes. Que surpresa! — Z3-PO retrucou, sua voz carregada de ironia. — Agora que estamos literalmente carregando um possível herdeiro de destruição galáctica, o que você pretende fazer?

Kane respirou fundo e colocou cuidadosamente o bebê em uma improvisada cama de mantas, ao lado da cápsula quebrada. Ele esfregou o rosto com as mãos, como se quisesse arrancar seus próprios pensamentos.

— Eu não sei, Z3. Droga, eu realmente não sei. Esse trabalho era para ser simples: pega a carga, entrega, recebe o pagamento. Agora isso?

Z3-PO inclinou a cabeça metálica, as luzes em seus olhos brilhando em tons amarelos.

— Simples? Simples seria entregar gás de mineração ou armas desativadas. Mas isso, Kane, é uma vida. E não qualquer vida. Se esse bebê realmente for filho de Mordex, você está carregando a pessoa que pode se tornar o próximo tirano ou... talvez algo muito pior. Kane levantou-se abruptamente e encarou o robô.

— Cale a boca, Z3! — ele explodiu. — Você acha que eu não sei disso? Você acha que isso não está fervendo na minha cabeça?

Z3-PO ergueu as mãos mecânicas em um gesto de rendição.

— Apenas dizendo o óbvio. Mas, já que está tão agitado, devo lembrá-lo que estamos sendo perseguidos por naves da Alta Inquisição. Não acha que isso exige um pouco da sua atenção?

Kane virou-se rapidamente para o painel de controle. Ele não tinha notado, mas os monitores de radar estavam piscando freneticamente. Um grupo de naves sentinelas se aproximava a uma velocidade alarmante. Eram as forças de Mordex, patrulhando o espaço ao redor de Nekra. O coração de Kane disparou.

— Droga, eles estão nos rastreando! — Kane gritou, ajustando os controles da Hunter. — Temos que sair daqui agora!

— Sim, por favor, faça isso! — Z3-PO respondeu, sua voz simulando pânico. — Estou começando a gostar desse bebê, e preferiria não ser desintegrado enquanto discutimos dilemas morais.

Kane não perdeu tempo. Ele ativou os sistemas principais da nave e preparou a ativação da Rede de Dobra Espacial (RDE).

“Rede de Dobra Espacial ativada: preparando cálculos de compressão espaço-temporal.”

A voz sintética do sistema ecoou pela cabine.

Z3-PO inclinou-se sobre o painel, analisando os dados.

— Você sabe que a ativação da RDE consome uma quantidade absurda de energia. E, considerando o estado da Hunter, não podemos errar nos cálculos. Já escolheu um ponto de singularidade?

Kane digitou rapidamente, seus olhos fixos na tela.

— Eu sei disso, Z3! Estamos nos alinhando para o ponto de singularidade quântica próximo. Se não entrarmos na dobra agora, estamos mortos.

Os motores da nave começaram a vibrar intensamente enquanto a energia antimatéria era redirecionada para os anéis de plasma estabilizado. Um campo magnético começou a envolver a nave, criando a bolha de dobra necessária para manipular o espaço-tempo.

Enquanto o sistema carregava, Z3-PO continuou com seus comentários sarcásticos:

— Apenas para constar, isso poderia acabar mal. A compressão de espaço-tempo é instável perto de áreas densas, e nós estamos... Ah, claro, fugindo de naves inimigas em alta densidade de partículas.

Kane puxou os controles com força, desviando de uma rajada de tiros que passou perto da lateral da nave. As sentinelas estavam quase sobre eles.

— Eu vou fazer funcionar! Fique quieto e me deixe pilotar!

O sistema finalmente confirmou o status de prontidão:

“Campo de dobra estabilizado. Iniciando compressão espaço-temporal em 3... 2...”

Kane apertou o botão de ativação, e a Hunter foi envolvida em uma distorção de luz e sombra. O espaço ao redor parecia se esticar e comprimir ao mesmo tempo. As estrelas borraram em um espetáculo de cores enquanto a nave desaparecia do radar das naves sentinelas, deixando-as para trás em uma explosão de energia.

Dentro da bolha de dobra, tudo estava silencioso. Kane, ainda ofegante, olhou para o bebê, que dormia tranquilamente, alheio ao caos que acabara de ocorrer.

— Você não tem ideia do que acabou de causar, não é? — murmurou Kane, meio para si mesmo, meio para o bebê. — Espero que valha a pena.

Z3-PO, por fim, quebrou o silêncio com um tom mais brando.

— Seja como for, Kane, você tomou uma decisão. Talvez você não saiba aonde isso vai levar, mas parece que estamos comprometidos.

Kane não respondeu. Ele apenas olhou para a vastidão do espaço através do visor da nave, ainda tentando aceitar o peso de sua escolha.

A nave Hunter flutuava na vastidão do espaço, deixando para trás os flashes coloridos da dobra espacial. A cabine estava tomada por um silêncio tenso. Kane verificava os sistemas energéticos, mas sabia que a situação não era boa. O alerta vermelho piscava incessantemente no painel central.

— Estamos com problemas, Z3. A energia de antimatéria caiu para níveis críticos. — Kane soava exausto, mas o pânico em sua voz era evidente.

Z3-PO, em seu habitual tom sarcástico, inclinou a cabeça robótica enquanto analisava os dados.

— Problemas? Eu chamaria isso de um desastre interestelar. Estamos literalmente sem combustível para manter a compressão espaço-temporal, e adivinha? Estamos no meio de uma rota não mapeada!

Kane socou o painel de controle, fazendo algumas luzes piscarem ainda mais.

— Cale a boca e me ajude a pensar!

Z3-PO continuou, ignorando a ordem de Kane:

— Oh, certamente. Vamos pensar! Veja, temos combustível suficiente para acender um fósforo ou talvez enviar um sinal de socorro para que a Alta Inquisição nos encontre e nos desintegre. Você escolhe.

Kane suspirou, esfregando o rosto com as mãos. Sua mente girava em busca de uma solução, mas a resposta parecia estar fugindo dele. O bebê, ainda dormindo, soltou um som baixo, quase como um choro abafado. Kane olhou para ele, e por um momento sua frustração foi substituída por um sentimento de culpa.

— Como eu deixei isso acontecer? — murmurou para si mesmo.

— Oh, quer que eu faça uma lista? — Z3-PO respondeu imediatamente. — Primeiro, você aceitou um trabalho misterioso sem perguntas. Segundo, você confiou em Darius, que, diga-se de passagem, é conhecido por trair contrabandistas como você. E, terceiro... Antes que pudesse continuar, um novo alerta soou na cabine. “Campo gravitacional anômalo detectado. Proximidade com Zona Morta.”

Kane congelou, e Z3-PO interrompeu sua tagarelice.

— Oh, não. Não me diga que estamos perto de uma Zona Morta.

Kane verificou os monitores. O campo gravitacional estava oscilando de maneira incomum. A nave começou a tremer, e as luzes na cabine piscavam. Ele se inclinou sobre os controles, tentando estabilizar o curso.

— Estamos sendo puxados, Z3. O motor de dobra não tem força suficiente para nos tirar daqui!

Z3-PO ficou momentaneamente sem palavras, algo raro para ele. Quando finalmente falou, sua voz estava mais séria do que nunca:

— Kane... se entrarmos em uma Zona Morta, não há volta. É o colapso total do espaço-tempo. A nave... nós... tudo deixará de existir.

Kane apertou os controles, tentando desesperadamente encontrar alguma saída. Ele ajustou os propulsores auxiliares, mas o combustível era insuficiente. A gravidade da Zona Morta os puxava como uma força invisível, e a visão ao redor da nave começou a mudar.

O espaço, antes pontilhado de estrelas, começou a se apagar. Primeiro, pequenas faíscas de luz desapareceram, como se estivessem sendo apagadas por uma borracha cósmica. Depois, veio a escuridão absoluta, um vazio tão completo que parecia sugar até mesmo o som.

— Droga! Segure-se! — gritou Kane, enquanto a Hunter era puxada cada vez mais para o centro da anomalia.

A nave começou a girar descontroladamente. Os sistemas internos entraram em pane, piscando erratically. O bebê acordou com um choro alto, preenchendo a cabine com um som que parecia ser a única coisa viva naquele vazio.

Z3-PO gritou, sua voz metálica se elevando acima do caos:

— Eu sugiro que você encontre uma solução, e rápido!

Kane lutou com os controles, tentando estabilizar a nave. Mas no fundo, ele sabia que não havia energia suficiente para escapar. Então, algo no monitor chamou sua atenção.

— Espere! — ele exclamou. — Há uma estrutura na borda da Zona Morta.

Z3-PO rapidamente analisou os dados.

— Uma estação flutuante... Parece ser uma das prisões da Alta Inquisição. Isso explica por que essa Zona Morta está tão instável. Eles estão tentando controlá-la.

Kane rangeu os dentes.

— Melhor isso do que sermos engolidos pelo vazio. Prepare-se para uma abordagem forçada.

— Ah, sim, porque invadir uma prisão flutuante no meio de uma Zona Morta parece uma ideia brilhante! — Z3-PO ironizou, mas começou a redirecionar os poucos recursos restantes da nave para os propulsores.

Com uma manobra desesperada, Kane inclinou a nave em direção à estrutura, que flutuava como uma fortaleza solitária no nada absoluto. À medida que se aproximavam, o impacto da gravidade da Zona Morta parecia diminuir, mas a nave estava em frangalhos. Quando a Hunter finalmente se aproximou o suficiente, Kane ativou os ganchos de atracação manualmente. O tremor da colisão ecoou pela nave, mas eles estavam presos.

— Estamos a bordo. — Kane disse, ofegante.

Z3-PO observou os monitores, que estavam piscando em alerta.

— Isso pode ser um alívio momentâneo, mas ainda estamos em uma prisão da Alta Inquisição. O que agora, Kane?

Kane olhou para o bebê, que o encarava com olhos grandes e inocentes. Ele respirou fundo.

— Agora, encontramos uma maneira de sair vivos daqui... e de proteger essa criança.

A escuridão ao redor da estrutura parecia pulsar como se estivesse viva, e Kane sabia que sua luta estava apenas começando.

– CAPÍTULO TRÊS –

Názarath, Lar dos Desesperados

A nave Hunter se acomodou na estrutura metálica flutuante com um estrondo surdo, ecoando no vazio que a cercava. Kane se recostou no assento, suando e ofegante. Os sistemas da nave estavam quase todos offline, e o ar na cabine tinha um cheiro de metal queimado.

— Bem, sobrevivemos... — ele murmurou, tentando convencer a si mesmo, enquanto olhava para a prisão flutuante.

Z3-PO, que normalmente estaria disparando algum comentário sarcástico, ficou estranhamente quieto. Sua cabeça metálica inclinou-se para o lado, os sensores luminosos de seus olhos piscando de maneira irregular.

— Z3? — Kane chamou, franzindo a testa. — Está com algum curto-circuito agora?

O droide virou-se lentamente, seus movimentos mais tensos do que o habitual. Sua voz, quando veio, soou diferente: menos confiante e mais... hesitante.

— Kane... — começou Z3-PO, mas parou, como se precisasse processar suas palavras.

— Isso é... perigoso. Mais perigoso do que qualquer coisa que já enfrentamos.

Kane piscou, surpreso.

— É sério isso? Você está preocupado?

— Claro que estou preocupado! — respondeu Z3-PO, sua voz mais aguda do que o normal. — Estamos em uma estrutura da Alta Inquisição, cercados por uma Zona Morta que pode nos obliterar a qualquer momento. E, para piorar, você trouxe um bebê a bordo! Kane ficou sem palavras por um momento. Ele olhou para Z3-PO com um misto de incredulidade e curiosidade.

— Quem é você e o que fez com o meu droide?

Z3-PO ignorou o comentário, focando-se nos monitores que ainda funcionavam.

— Há algo mais aqui, Kane. Eu... sinto isso. Essas leituras não fazem sentido. A Zona Morta está pulsando de forma irregular, como se... algo ou alguém a estivesse manipulando.

Kane se levantou do assento e caminhou até Z3-PO, olhando fixamente para ele.

— Você está realmente preocupado, não está? Não é só paranoia de sistema?

O droide balançou a cabeça lentamente.

— Não. E eu não sei como lidar com isso.

Kane bufou, balançando a cabeça.

— Isso é muito estranho. Você nunca leva nada a sério. Agora está falando como se fôssemos morrer amanhã.

— Porque podemos morrer amanhã! — Z3-PO respondeu, sua voz tremendo ligeiramente.

Antes que Kane pudesse responder, o som metálico de algo raspando pela carcaça da nave ecoou pela cabine. Ele instintivamente levou a mão ao coldre, puxando sua pistola.

— O que foi isso? — perguntou Z3-PO, suas câmeras girando nervosamente em todas as direções.

— Parece que temos companhia — Kane disse, com os olhos fixos na escotilha de acesso.

O bebê, como se sentisse o perigo, começou a chorar baixinho. Kane olhou para ele rapidamente e, com um suspiro, entregou-o para Z3-PO.

— Segure ele. E, por favor, não deixe nada acontecer.

— Eu não fui projetado para segurar bebês! — Z3-PO protestou, mas segurou a criança com uma precisão inesperada.

— Está se saindo muito bem para alguém que não foi projetado para isso, parceiro — Kane respondeu, seu tom carregado de ironia, enquanto caminhava para a escotilha.

O som lá fora ficou mais intenso. Era como se algo estivesse rastejando, explorando cada centímetro da Hunter. Kane parou, pressionando a orelha contra a parede metálica. Ele não sabia o que esperava encontrar do outro lado, mas, no fundo, já sabia que não seria algo amigável.

Z3-PO, ainda segurando o bebê, olhou para Kane com algo que parecia... medo?

— Kane, se você morrer... eu não terei como cuidar dessa criança!

Kane riu, apesar da tensão.

— Então é assim que você me motiva? Bom trabalho.

Ele apertou o botão para abrir a escotilha, a arma firme em suas mãos. A porta deslizou lentamente com um chiado, revelando o corredor escuro da prisão.

— Vamos resolver isso rápido. — Kane deu um passo à frente, seu coração batendo forte.

Z3-PO o seguiu, relutante, mas sem mais reclamações. Isso deixou Kane desconcertado, mas ele deixou para lidar com o comportamento estranho do droide depois. Agora, eles precisavam sobreviver — e descobrir o que, ou quem, estava à espreita naquela fortaleza esquecida no meio do vazio.

— Názarath — murmurou Z3 enquanto caminhava.

Kane avançou pelo grandioso e triangular monunmento até adentra-lo. Caminhando com precisão pelo corredor da estrutura flutuante, sua arma em mãos, o som de seus passos ecoando na vastidão metálica. As paredes eram desgastadas pelo tempo, e inscrições da Alta Inquisição brilhavam fracamente em vermelho, como um aviso eterno para aqueles que ousassem invadir.

Z3-PO, segurando o bebê com cuidado incomum, caminhava hesitante atrás de Kane. O droide olhava nervosamente para todas as direções, suas luzes piscando de maneira errática.

— Kane, isso tudo é uma ideia terrível. Devíamos voltar para a nave e ativar qualquer coisa que nos tire daqui — disse Z3-PO, com um tom mais sério do que o habitual.

— É difícil ativar qualquer coisa quando o combustível de antimatéria acabou, Z3. Acha que eu gosto de explorar prisões da Alta Inquisição no meio de uma Zona Morta? — Kane resmungou, seus olhos examinando cada canto.

O som de algo se movendo ecoou novamente, agora mais perto. Kane parou e levantou a arma, os olhos estreitados.

— Fique quieto. — Sua voz era quase um sussurro.

Z3-PO segurou o bebê mais perto de seu torso metálico, como se isso pudesse protegê-lo.

— Se eu fosse programado para rezar, este seria um ótimo momento, capitão.

Kane caminhava silenciosamente pelos corredores escuros da prisão esquecida de Názarath. O lugar era maior do que ele imaginara, com andares infinitos, celas cheias de prisioneiros de várias raças — alguns chorando em línguas desconhecidas, outros sussurrando para ninguém. Era um labirinto de sofrimento e desespero, e os símbolos da Alta Inquisição estavam gravados em cada parede como cicatrizes de uma guerra eterna. Z3-PO seguia perto, segurando o bebê com firmeza. O droide estava, curiosamente, menos sarcástico e mais atento. Suas lentes brilhavam no escuro enquanto ele examinava

cada canto. Kane notava a mudança de comportamento, mas não tinha tempo para questionar.

— Z3, você está estranhamente calado. Algum problema? — perguntou Kane, a arma em mãos.

— Capitão, só estou ponderando sobre a terrível decisão de estarmos aqui — respondeu o droide, com uma calma que quase parecia irônica. — Esta prisão tem uma história de devastação que supera qualquer lógica. Sinto que estamos sendo... observados.

Kane olhou ao redor, mas o único som era o eco de seus passos.

— Não temos escolha. Precisamos de combustível e, quem sabe, talvez consigamos algo mais valioso aqui.

Enquanto avançavam, passaram por celas com prisioneiros de todas as formas e tamanhos. Uma criatura com tentáculos no lugar de olhos gritou:

— Eles estão aqui! Sentem o medo!

Kane ignorou, mas Z3-PO tremeu levemente.

— “Sentem o medo”? O que exatamente sente o medo, capitão?

Antes que Kane pudesse responder, ele parou. À frente, as sombras no corredor pareciam se mover por conta própria. Uma névoa escura cobria o ambiente, e o ar ficou mais frio.

— Arkêns — sussurrou Z3-PO, sua voz carregada de pavor genuíno. — Os guardas.

Os Arkêns Aparecem

De repente, uma forma emergiu da névoa. Era como um manto esfarrapado de escuridão absoluta, flutuando no ar. Onde deveria haver um rosto, havia apenas uma fenda brilhando com um vermelho pulsante, como um coração moribundo. Outros Arkêns surgiram ao redor, suas presenças distorcendo a luz e criando uma sensação sufocante de vazio.

Kane engoliu em seco. Ele já ouvira histórias dessas criaturas, mas ver um Arkên era diferente. O medo era quase palpável.

— Eles sentem o medo... e nós estamos cheios disso. — Kane levantou sua arma, mas sabia que armas convencionais não seriam suficientes.

Os Arkêns avançaram lentamente, e Kane sentiu seu corpo paralisar. Imagens terríveis de seu passado invadiram sua mente: amigos mortos, missões fracassadas, o grito de alguém que ele não conseguiu salvar. Z3-PO também estava rígido, seus circuitos lutando contra a presença psíquica esmagadora.

— Capitão, sugiro... um plano. — A voz de Z3-PO tremia levemente, mas ele ainda protegia o bebê com seus braços metálicos.

— Estou pensando! — respondeu Kane, seus pensamentos confusos pelo terror.

Um dos Arkêns estendeu um tentáculo de escuridão que quase tocou Kane, mas ele conseguiu se esquivar no último momento. Seu olhar caiu em uma cela próxima, onde um prisioneiro alienígena de pele azul brilhante observava calmamente.

— Luz... eles odeiam luz — murmurou o prisioneiro.

Kane franziu a testa. Ele não tinha tempo para hesitar. Rapidamente, ele puxou uma granada de luz do cinto e a lançou no corredor. A explosão liberou um brilho intenso que iluminou tudo por um breve momento. Os Arkêns gritaram, seus corpos flutuantes se dissipando temporariamente.

— Corre! — gritou Kane, puxando Z3-PO e o bebê pelo braço.

Eles correram pelos corredores, desviando de prisioneiros e passando por áreas onde os Arkêns ainda não haviam aparecido. Algumas celas estavam abertas, e os prisioneiros — de todas as raças e tamanhos — vagavam confusos, enquanto outros se escondiam em pânico.

— Capitão, isso não é uma prisão, é um campo de caça! — disse Z3-PO, agora tentando acompanhar a velocidade de Kane.

Kane sabia que o droide tinha razão. Ele viu mais Arkêns surgirem à distância, perseguindo prisioneiros ou simplesmente absorvendo o medo que preenchia o lugar. Chegaram a uma sala de controle abandonada. Kane fechou a porta e ativou os controles para selá-la. O painel estava coberto de poeira, mas ele conseguiu ligá-lo.

— Combustível. Precisamos encontrar o armazenamento de antimatéria — disse ele, digitando freneticamente

Z3-PO olhou para o bebê, que agora estava inquieto.

— Capitão, temos que sair daqui rápido. Essas criaturas... não vão parar.

Kane encontrou o mapa da prisão no painel e viu um setor identificado como “Reservatório de Energia”.

— Lá. Vamos conseguir o que precisamos e dar o fora daqui.

O som das garras dos Arkêns arranhando a porta ecoou pela sala. Kane olhou para Z3-PO.

— Segure firme, Z3. Isso está longe de acabar.

E com isso, eles saíram, mergulhando mais fundo no inferno vivo que era Názarath.

Kane mal havia terminado de analisar o mapa do setor quando o som de garras raspando contra metal encheu o ambiente. Primeiro, um único golpe ressoou na porta. Em seguida, dezenas. Os Arkêns estavam do outro lado, tentando entrar.

O painel de controle piscou com alertas vermelhos enquanto a pressão contra a porta aumentava. Kane ajustou sua arma, sabendo que era inútil contra as criaturas. Mesmo assim, ele precisava de um plano.

— Isso não vai segurá-los por muito tempo! — gritou Kane, recuando para o centro da sala.

Z3-PO segurava o bebê, seus sensores escaneando freneticamente a situação.

— Capitão, é muito provável que sejamos mortos de maneira horrível. Sugiro que tomemos medidas drásticas para garantir, ao menos, uma morte rápida e digna!

— Não ajuda, Z3! — Kane esbravejou.

A porta começou a se deformar. Tentáculos feitos de pura escuridão escapavam pelas frestas, movendo-se como serpentes famintas. Uma névoa negra começou a entrar pela ventilação, reduzindo a visibilidade na sala e trazendo consigo o peso opressivo do medo.

— Eles não precisam abrir a porta inteira... eles podem atravessar qualquer espaço! — observou Kane, sentindo o suor escorrer por sua testa.

A névoa se condensou, e o brilho vermelho característico dos olhos dos Arkêns começou a surgir em pequenos pontos ao redor da sala.

Kane sentiu um impacto mental como uma onda esmagadora. Imagens dos piores momentos de sua vida começaram a passar diante de seus olhos. Ele viu sua tripulação perdida em uma emboscada, amigos sacrificados para salvar missões impossíveis e rostos que ele nunca mais queria lembrar.

Ele caiu de joelhos, tentando resistir.

— Não... vocês não vão me quebrar.

Z3-PO também parecia afetado, embora de maneira diferente. Seu corpo tremia, e seus circuitos piscavam irregularmente.

— Capitão, meus bancos de memória estão sendo invadidos por memórias de falhas passadas... eu... *eu sou um droide falho!*

Kane respirou fundo, lutando contra a influência psíquica. Ele abriu os olhos e viu o bebê no colo de Z3-PO. A criança parecia calma, alheia ao terror ao redor.

— Ele não tem medo... — Kane sussurrou.

Com um esforço monumental, Kane se forçou a levantar. Ele correu até o painel de controle, ignorando os tentáculos que quase o agarraram. A sala de controle tinha um gerador de emergência para casos de falha energética.

— Luz... luz extrema os enfraquece. É nossa única chance.

Ele começou a reprogramar o gerador, desviando sua energia para as lâmpadas UV que cobriam a sala. As luzes estavam inativas há décadas, mas ele sabia que, se funcionassem, poderiam oferecer uma chance de sobrevivência.

— Z3, segure firme! Vamos acender essa sala como uma estrela!

Z3-PO, ainda trêmulo, ajustou sua postura e segurou o bebê com mais firmeza.

— Capitão, confio que esta ideia absurda tem, pelo menos, 12% de chance de funcionar!

Kane deu um sorriso fraco.

— Mais do que eu esperava.

Os Arkêns estavam quase dentro. Tentáculos rasgaram a lateral da porta, e as sombras na sala começaram a se condensar em formas mais definidas. Mas, naquele instante, Kane ativou o gerador.

Um zumbido intenso foi seguido por uma explosão de luz ultravioleta. Toda a sala foi inundada por uma claridade ofuscante. Os Arkêns gritaram, seus corpos flutuantes se retorcendo enquanto eram desintegrados ou empurrados de volta para as sombras.

A sala inteira parecia vibrar com a energia, e a névoa negra começou a se dissipar. Kane caiu de costas, exausto, enquanto Z3-PO olhava ao redor.

— Capitão, parece que sua loucura funcionou... parcialmente.

Kane olhou para o droide.

— Parcialmente?

Z3-PO apontou para o painel. O gerador estava sobrecarregando.

— Acho que acabamos de transformar esta sala em uma bomba!

Sem tempo para hesitar, Kane pegou o bebê dos braços de Z3-PO e abriu a porta que dava para o próximo corredor. A luz ainda enfraquecia os Arkêns que tentavam se recompor, mas era apenas questão de tempo até que voltassem com força total.

— Vamos, Z3! Temos que sair antes que tudo vá pelos ares!

O som dos Arkêns gritando atrás deles misturava-se ao zumbido crescente do gerador prestes a explodir. Kane sabia que esta era apenas a primeira batalha contra as criaturas. Mas, por ora, eles tinham conseguido sobreviver.

Os passos apressados de Kane ecoavam pelos corredores da prisão enquanto ele corria, o bebê agora em seus braços e Z3-PO logo atrás, em modo de emergência, se movendo mais rápido do que nunca. A luz ultravioleta, embora já mais fraca, ainda iluminava partes do caminho, mas a pressão nos corredores estava aumentando. O zumbido do gerador superaquecido aumentava a cada segundo, e Kane sabia que, se não encontrassem um lugar seguro, a prisão inteira explodiria em questão de minutos.

— Kane, as portas à frente estão bloqueadas. Parece que os Arkêns já as selaram. — Z3-PO anunciou, com a voz trêmula, mas ainda tentando manter a calma.

Kane observou rapidamente o painel de controle, que piscava com diversos erros. Não tinha tempo para analisar os dados, apenas apertou alguns botões, esperando que algum código de segurança antigo ainda funcionasse.

— Que seja... — ele murmurou, apertando o botão de acesso forçado.

Com um estalo metálico e um barulho grave, a porta à frente se abriu, revelando um corredor escuro, mas pelo menos livre de qualquer obstáculo imediato.

— Vamos, rápido! — Kane gritou, impulsionando-se para o corredor.

Os Arkêns estavam atrás deles, e agora, mais do que nunca, podiam sentir a presença sombria deles crescendo. A sensação de desespero e pavor começou a invadir seus pensamentos. Mas Kane manteve o foco. Ele sabia que os Arkêns eram criaturas de pura escuridão e terror, mas também sabia que, com a luz necessária, eles podiam ser enfraquecidos.

— Z3, prepare os geradores de luz para o próximo corredor. Não podemos dar chance a esses monstros. — Kane disse, seu tom de comando já mais firme, apesar da tensão crescente.

Z3-PO, com suas engrenagens e circuitos funcionando a toda velocidade, respondeu rapidamente.

— Já fiz isso, Capitão. Ajustei os impulsos de radiação ultravioleta. Eles não vão gostar nada disso.

Kane se virou e começou a correr mais rápido, ouvindo os passos dos Arkêns, agora mais próximos. O som era horrível, como o vento nas cavernas de um planeta morto, carregado de gritos agonizantes e a sensação de que algo estava a ponto de alcançá-los.

A atmosfera estava saturada de uma pressão psicológica indescritível. Kane sentia como se estivesse sendo engolido por uma força invisível, uma sensação que só os Arkêns podiam induzir. Eles alimentavam-se do medo. E, à medida que a tensão aumentava, a prisão ao redor parecia ficar ainda mais escura, mais opressiva.

Quando eles alcançaram o próximo corredor, as luzes ultravioleta se ativaram, mas não o suficiente para deter os Arkêns. As criaturas começaram a se manifestar de todas as direções, movendo-se como fumaça, flutuando em torno de Kane e Z3-PO.

Kane disparou sua arma, mas os tiros apenas cortavam o vazio, sem causar dano real. A cada segundo, mais Arkêns surgiam, suas formas indefinidas tomando conta do corredor.

— *Eles não param... Eles não sentem dor.* — Z3-PO disse, sua voz agora misturada com uma sensação de pânico.

O bebê, no entanto, parecia calmo, como se o terror ao redor não o afetasse de forma alguma. Kane sentiu uma onda de alívio ao olhar para ele. Algo no pequeno ser lhe dava força.

— Não podemos falhar... não agora. — Kane murmurou, as palavras saindo quase como uma oração silenciosa.

Os Arkêns agora estavam muito próximos, seus olhos vermelhos brilhando no escuro. Era como se a própria prisão estivesse se dissolvendo ao redor deles, um vórtice de escuridão onde o tempo e o espaço se distorciam. Kane sentiu sua mente começar a vacilar. Imagens de seus próprios medos, suas próprias falhas, começaram a tomar conta. Ele viu seu antigo capitão, seus amigos caídos, os olhos dos civis mortos na guerra...

Ele não podia sucumbir. Não podia.

Kane se forçou a avançar, sentindo o peso do medo crescendo a cada passo. Mas então, ao virar uma esquina do corredor, ele viu algo que o fez parar.

À frente, em um corredor largo, havia uma sala com uma porta de segurança. A porta estava visivelmente danificada, mas ainda operava. No centro da sala, uma gigantesca plataforma de energia estava instalada, e Kane sabia o que aquilo significava.

— **O núcleo de energia.** — Z3-PO disse, com um tom de surpresa.

— Se conseguirmos ativá-lo, ele deve gerar um campo de força o suficiente para nos proteger... pelo menos temporariamente. — Kane concluiu.

Z3-PO olhou para ele com seus olhos eletrônicos, a luz piscando com uma determinação rara.

— Capitão, sugiro que sejamos rápidos, muito rápidos. Eu já sinto os Arkêns se aproximando. Eles não podem nos alcançar agora...

Kane correu até a plataforma, começando a inserir os códigos de emergência para ativá-la. As paredes ao redor começaram a tremer enquanto a pressão aumentava. Ele podia sentir os Arkêns se aproximando, cada vez mais, como uma sombra implacável.

— Vamos, vamos! — Kane gritou, tentando concentrar sua mente. A plataforma piscava, cheia de alertas, enquanto ele corrigia os parâmetros de segurança.

Quando ele finalmente pressionou o botão final, a sala inteira foi invadida por um brilho branco intenso. O campo de força foi ativado instantaneamente, criando uma barreira de energia que envolvia a sala e repelia a presença dos Arkêns.

Por um momento, havia silêncio. A pressão diminuiu. Os gritos dos Arkêns ficaram abafados do outro lado da barreira. Mas Kane sabia que isso era apenas um alívio temporário. O campo de força não duraria para sempre.

A fuga estava próxima. Kane havia conseguido canalizar energia suficiente da plataforma central para reiniciar os sistemas básicos da prisão e abrir um corredor de escape. Ele e Z3-PO se movimentavam rápido, enquanto o campo de força ao redor começava a enfraquecer.

— Capitão, os Arkêns ainda estão se reorganizando, mas isso não vai durar. O tempo é essencial! — alertou Z3-PO, enquanto ajustava os cabos energéticos para um último impulso.

— Não precisamos de um sermão, Z3. Já estamos com um pé fora daqui. — Kane respondeu, ajustando a trajetória no mapa holográfico que piscava na tela do painel portátil.

Eles atravessaram o hangar da prisão, agora um cemitério de naves abandonadas, quando uma figura emergiu da escuridão, o som de passos ecoando nas paredes metálicas. Kane imediatamente apontou sua arma, pronto para qualquer coisa.

— Ora, ora... se não é Kane Varyn. — A voz grave e carregada de sarcasmo cortou o silêncio.

Kane congelou por um momento, mas logo reconheceu o homem à sua frente. Ordo Karrik, seu ex-parceiro de contrabando, estava ali, com um sorriso presunçoso e uma postura confiante. Ele estava vestido com seu típico casaco de couro surrado e carregava uma arma pesada em uma das mãos.

— Karrik... você deveria estar morto. — Kane disse, apertando os dentes.

— E você deveria estar em algum buraco miserável, como sempre. Mas veja só... que coincidência encontrar você aqui, de todos os lugares. — Ordo sorriu, com um brilho malicioso nos olhos. — E com a criança que eu fui contratado para encontrar. Isso vai facilitar muito o meu trabalho.

Kane abaixou ligeiramente sua arma, mas manteve a mira fixa. Ele conhecia bem Ordo Karrik, talvez bem demais. Anos de convivência haviam transformado a parceria deles em uma rivalidade amarga, alimentada por traições mútuas e um desentendimento que parecia nunca ter realmente terminado.

— Contratado por quem? Não me diga que foi por Mordex. — Kane perguntou, embora já soubesse a resposta.

Ordo deu um passo à frente, despreocupado, o sorriso presunçoso que Kane conhecia tão bem estampado em seu rosto.

— Exato. O preço pela cabeça dessa criança é mais do que eu poderia ganhar em uma década de contrabando. Mas sabe o que é ainda melhor? Encontrar você aqui. Parece que o destino me deu um bônus.

Kane estreitou os olhos, tentando manter a calma.

— E agora? Vai me entregar como um troféu? Pensei que tínhamos deixado esse tipo de traição no passado.

Ordo gargalhou, uma risada seca e sarcástica que ecoou pelo hangar vazio.

— Deixado no passado? Você só pode estar brincando. Você me deve, Kane! Aquele carregamento de crisólio no Setor V? Você me deixou para trás enquanto fugia com metade da carga!

Kane deu um passo à frente, apertando os punhos, a raiva começando a ferver. — Eu te salvei, Ordo! Se eu não tivesse desviado os guardas, eles teriam nos pego. Você sempre soube disso.

— Salvo? — Ordo estreitou os olhos, sua voz se tornando mais áspera. — Você fugiu como um covarde enquanto eu segurava aqueles malditos guardas. Fiquei preso por meses por sua causa. Então não venha me dizer que fez algum favor!

Z3-PO, que até agora havia permanecido em silêncio, tentou intervir. — Me perdoem, mas talvez esse não seja o momento ideal para discutir ressentimentos do passado. Temos Arkêns tentando nos caçar, afinal...

Ordo virou-se para o dróide, sua expressão se transformando em desprezo. — E quem é essa lata de sucata? Você realmente caiu tão baixo, Kane? Andando com um robô quebrado que mal consegue formar uma frase decente. Deve ser o mascote perfeito para você.

Z3-PO deu um passo hesitante para trás, suas luzes piscando nervosamente. — Bem, senhor, eu diria que a palavra "sucata" é uma hipérbole desnecessária...

Antes que Z3 pudesse terminar, Kane ergueu a arma e a apontou para Ordo com mais firmeza.

— Cala a boca, Ordo. Não ouse falar com ele desse jeito. — Sua voz era fria, carregada de fúria contida. — Z3 é dez vezes mais confiável do que você jamais foi. Então mostra um pouco de respeito, ou eu garanto que essa conversa termina aqui.

Ordo ergueu as mãos em um gesto de zombaria. — Olha só, o Kane agora defende um dróide sucateado. Que emocionante. Isso só prova o quão longe você caiu. Mas tudo bem. Isso só vai tornar mais divertido quando eu entregar você e o bebê para Mordex. Fácil como sempre.

Kane respirou fundo, tentando conter sua raiva. Ele precisava de um plano. Ordo era imprevisível, mas arrogante. E Kane sabia exatamente como usar isso contra ele.

— Sempre foi isso, não é, Ordo? Você é um covarde. Só sabe atacar quem está desarmado. Por isso você nunca teve coragem de enfrentar os verdadeiros perigos da galáxia. — Kane provocou, sua voz ganhando uma nota desafiadora.

Ordo deu um passo à frente, o sorriso desaparecendo por um momento. — Cuidado, Kane. Você está pisando em terreno perigoso.

— Terreno perigoso é o que eu vivo, Ordo. Diferente de você, que sempre foi bom em correr quando as coisas esquentavam. Lembra da emboscada no anel de Caladel? Ou do trabalho em Trovax? Eu que te tirei vivo de lá, enquanto você só pensava em salvar sua própria pele. — Kane continuou, sua confiança crescendo.

A tensão entre os dois era notável. Ordo parecia dividido entre explodir de raiva ou rir da audácia de Kane.

— Já chega de conversa. — Ordo finalmente disse, apontando sua arma. — Chegou a hora de terminar isso, Kane.

Kane olhou rapidamente para a nave de Ordo, estacionada ao lado, com os motores ainda quentes. Ele sabia que Ordo sempre confiava em sua superioridade, acreditando que Kane era incapaz de escapar de situações assim. Isso era um erro fatal.

— Sabe, Ordo, você está certo. Eu sempre fui meio burro. Mas isso é o que me mantém vivo. — Kane disse, abrindo um sorriso irônico.

Antes que Ordo pudesse reagir, Kane sacou uma pequena granada de pulso eletromagnético e a lançou para o chão. A explosão não letal emitiu uma onda de energia que desativou temporariamente os sistemas eletrônicos ao redor, inclusive a arma de Ordo. O homem cambaleou para trás, xingando, enquanto Kane aproveitou a confusão para correr na direção da nave dele.

— Z3, mova-se! — gritou Kane, enquanto o dróide corria atrás dele.

Ordo se levantou, tentando desesperadamente religar seu blaster.
— Kane! Volte aqui, seu maldito!

Kane subiu na nave, seus dedos correndo pelos controles como se já conhecesse o modelo de cor. Ele ativou os sistemas de emergência, e os motores começaram a rugir.

— Você vai me pagar por isso! — Ordo gritou, correndo em direção à nave, mas já era tarde demais.

Com a força dos propulsores, a nave de Ordo se lançou para frente, derrubando o homem no chão e criando uma onda de energia que afastou qualquer Arkên que se aproximasse. Kane olhou para trás, vendo Ordo no chão, furioso e impotente, enquanto ele subia para o espaço.

— Parece que ainda sou o esperto da dupla, Ordo. Até nunca mais! — Kane disse, rindo para si mesmo.

Z3-PO, ainda tentando se recompor, comentou:
— Capitão, confesso que estou impressionado com sua capacidade de improvisação. Embora roubar a nave de um contrabandista perigoso possa não ter sido a solução mais diplomática.

— Diplomacia nunca foi meu forte, Z3. Vamos sair daqui antes que algo exploda de verdade.

Enquanto a nave acelerava para fora da órbita da prisão, Kane olhou para o bebê em seus braços. Ele sabia que aquilo era apenas o começo. Com Mordex em seu encalço e antigos inimigos ressurgindo, o caminho à frente seria ainda mais perigoso.

Mas, pelo menos por enquanto, eles estavam vivos. E isso era o que importava.

— CAPÍTULO QUATRO —

Mordex a Bordo

A nave de Kane cruzava os limites da Zona Morta, o vazio absoluto agora ficando para trás enquanto ele se aproximava de um setor mais estável do espaço. Z3-PO ajustava os controles, ainda ligeiramente nervoso pela fuga recente.

— Bom trabalho, Z3. — Kane elogiou, apesar de estar visivelmente cansado. Ele olhou para o bebê que dormia calmamente em uma pequena cápsula improvisada. — Agora é só encontrar um lugar seguro para ele.

Antes que pudesse relaxar, os sensores da nave começaram a emitir um alerta agudo.

— Capitão, detecto uma anomalia massiva se aproximando rapidamente. — Z3-PO anunciou, seu tom ansioso voltando.

Do vazio do espaço, uma enorme sombra emergiu. A nave era colossal, tão grande que parecia engolir as estrelas ao seu redor. Sua estrutura era negra como a noite, pontuada por detalhes vermelhos pulsantes que pareciam veias de lava. Essa era a Eclipse Estelar, a nave pessoal de Mordex, o ser mais temido da galáxia.

Kane sentiu um arrepio subir pela espinha. Ele já ouvira histórias sobre Mordex, mas nunca esperou encontrá-lo pessoalmente.

— Isso não pode ser bom. — murmurou Kane, enquanto via a nave gigante alinhar-se à sua. Um som mecânico ecoou pela estrutura, e um braço de acoplamento imenso começou a se estender em direção à nave de Kane.

— Capitão... acho que eles vão entrar. — Z3-PO disse, a voz tremendo.

— Ótima observação, Z3. — Kane respondeu sarcasticamente, mas seu tom revelava nervosismo. Ele rapidamente escondeu o bebê em um compartimento secreto no chão da nave e colocou uma pilha de mercadorias aleatórias sobre ele. — Fique calmo, Z3. Siga o meu jogo.

A porta da nave foi forçada a abrir, e o ar ao redor pareceu congelar. O som metálico de botas pesadas ecoou no pequeno espaço, cada passo acompanhado por um som mecânico rítmico que fazia o peito de Kane apertar.

Então, ele apareceu. Mordex.

Com mais de dois metros de altura, sua armadura negra parecia absorver a luz ao redor, os detalhes em vermelho brilhando como sangue recém-derramado. Sua presença era esmagadora, o tipo de energia que fazia até os mais bravos perderem a compostura. Sua caminhada metálica era inconfundível, um som que fazia qualquer um saber que ele havia chegado antes mesmo de vê-lo.

— Contrabandista. — A voz de Mordex cortou o ar como uma lâmina, fria e eletrônica. Ele não olhou imediatamente para Kane, mas começou a inspecionar a cabine com um olhar meticuloso.

Kane forçou um sorriso e abriu os braços em um gesto exagerado.

— Bem-vindo à... humilde AstroCargueiro-47. Uma nave de transporte de mercadorias para o Mercado Galáctico Central. Posso ajudar em alguma coisa?

Mordex não respondeu de imediato. Ele virou lentamente a cabeça para Kane, o visor vermelho da máscara fixando-se nele como se pudesse enxergar através de sua alma.

— Interessante. — ele disse finalmente, sua voz soando como um trovão distante. — Uma

nave de transporte... que escapou da Zona Morta.

Kane deu de ombros, tentando parecer despreocupado.

— Tive sorte. Você sabe como é. Acontece nas melhores rotas.

Um dos subordinados de Mordex, um oficial em armadura negra menor, aproximou-se com um datapad.

— Senhor, os escâneres não encontraram nenhum sinal do artefato ou da criança. Apenas mercadorias comuns.

Mordex virou-se lentamente para o subordinado, e o silêncio que se seguiu era quase palpável. Kane pôde sentir o peso da tensão no ar, e Z3-PO deu um passo involuntário para trás.

— Nenhum sinal... — a voz de Mordex gotejava desprezo. Ele estendeu a mão direita lentamente, agarrando o oficial pelo pescoço.

O homem começou a sufocar, seus pés saindo do chão enquanto se debatia inutilmente.

— Você chama isso de trabalho competente? — Mordex rosnou, apertando os dedos.

— M-meu senhor... os sensores... — O oficial tentou balbuciar, mas sua voz foi cortada quando Mordex apertou mais.

Kane observava com horror, tentando esconder seu desconforto. Mordex, no entanto, parecia se deliciar com a cena. Com um movimento abrupto e uma força brutal, ele torceu o pescoço do subordinado, o som do osso quebrando ecoando pelo espaço confinado. O corpo sem vida caiu ao chão quando Mordex o soltou como se fosse um pedaço de lixo.

— Incompetência será punida. Sempre. — disse Mordex, seu tom frio como gelo.

Kane tentou se recompor.

— Bem, isso... foi eficiente. Mas posso garantir, senhor, que não tenho nada que o interesse.

Mordex deu um passo em direção a Kane, sua presença esmagadora.

— Você acha que pode enganar a mim? — Ele se inclinou ligeiramente, sua voz mais baixa, mas infinitamente mais ameaçadora. — Você é um mero inseto tentando escapar de um abismo.

Kane manteve a postura, mas sua mente estava trabalhando freneticamente.

— Eu sou apenas um transportador. Você pode procurar à vontade, mas tudo o que vai encontrar são mercadorias para o Mercado Galáctico.

Mordex ficou em silêncio por um momento, avaliando-o. Em seguida, virou-se para Z3-PO, que estava imóvel.

— E este dróide? Ele parece... nervoso. Talvez ele saiba algo que você está escondendo. Z3-PO começou a balbuciar.

— Eu? Nervoso? De maneira alguma! Apenas mantenho um comportamento... respeitoso na presença de indivíduos tão... impressionantes.

Mordex ergueu uma mão em direção ao dróide, mas Kane deu um passo à frente, colocando-se entre os dois.

— Ele não sabe de nada. — disse Kane, firme. — É apenas um dróide, nada mais.

Mordex ficou imóvel por um momento, então soltou uma risada baixa, quase mecânica.

— Você tem coragem. Ou é estupidez. Veremos qual delas o manterá vivo.

Ele se virou e começou a sair, mas parou à entrada da nave de Kane, girando lentamente sobre seus calcanhares metálicos para encarar o contrabandista mais uma vez. Sua presença dominava o ambiente, como se a própria gravidade tivesse se intensificado.

— Você acha que acabou? — ele disse, sua voz baixa e gélida. — Engana-se, contrabandista.

Kane franziu o cenho, tentando não demonstrar o nervosismo que o consumia.

— Eu já disse, sou apenas um transportador. Se não há nada de interesse aqui, talvez possamos seguir nossas vidas.

Mordex deu alguns passos em direção a Kane, o som metálico de sua armadura ecoando como o toque de um sino fúnebre.

— Sua nave. Você. São todos de interesse agora.

Antes que Kane pudesse reagir, Mordex fez um gesto com a mão. Dois de seus guardas armados avançaram para imobilizá-lo. Kane tentou resistir, mas um dos soldados o desarmou rapidamente, enquanto o outro o empurrava ao chão, forçando seus braços para trás.

— Espere! — Kane gritou. — Isso não é necessário.

— Não se preocupe, contrabandista. Sua vida ainda tem algum valor... como prisioneiro.

— Mordex declarou, sua voz impregnada de desprezo. — Quanto ao seu dróide...

Mordex virou o visor brilhante para Z3-PO, que recuava lentamente em direção à parede.

— Eu... eu sou apenas um dróide de protocolo. Sem utilidade alguma para você, senhor.

— Z3-PO balbuciou, sua voz trêmula.

Mordex fez um gesto de desdém.

— De fato. Este... amontoado de sucata não me interessa. Deixe-o aqui para apodrecer.

Os guardas começaram a arrastar Kane em direção à escotilha que conectava a nave à Eclipse Estelar. Z3-PO, apesar de sua programação, parecia hesitar.

— Capitão! O que devo fazer? — perguntou, claramente em pânico.

Kane gritou enquanto lutava contra os guardas.

— Pegue a cápsula de fuga, Z3! Vá para o planeta mais próximo. Eu vou encontrar você. Apenas vá!

— Mas, capitão, não posso simplesmente...

— Agora! — Kane rugiu, sua voz carregada de determinação.

Z3-PO olhou uma última vez para seu capitão e, relutantemente, obedeceu. Ele se virou e correu desajeitadamente para a cápsula de fuga, seus passos ecoando pelo corredor da nave.

Mordex observou a cena com um misto de desprezo e indiferença.

— Um gesto inútil. Sua lealdade a você será sua ruína, contrabandista.

Antes que Z3-PO entrasse na cápsula, ele se virou e olhou para Kane.

— Boa sorte, capitão. Eu espero que sua usual... improvisação seja suficiente desta vez.

Com isso, a cápsula foi lançada ao espaço, disparando em direção ao planeta Sendaro, um mundo próximo que brilhava como um ponto de esperança no vazio.

Kane, ainda sendo arrastado pelos guardas, olhou para Mordex.

— Então é isso? Vai me levar como troféu?

Mordex inclinou levemente a cabeça, sua voz soando como um trovão.

— Não. Vou levar você como exemplo.

A escotilha da nave foi lacrada e presa junto a colossal nave da Inquisição, enquanto Kane era levado para a escuridão da Eclipse Estelar. Ele sabia que a situação era terrível, mas também sabia de uma coisa: Z3-PO havia escapado, e com ele, o segredo da criança. Se ele conseguisse tempo suficiente, talvez ainda houvesse uma chance de reverter o destino sombrio que o aguardava.

Z3 adentrou a capsula, que foi selada e lançada ao espaço, enquanto ele observava pela pequena escotilha ele sentia que o destino estava sobre seus ombros metálicos.

Z3-PO, com sua cápsula de fuga destruída e danificada, pousou de maneira desajeitada em Sendaro. O planeta, que um dia fora um próspero centro de comércio e cultura, agora era uma paisagem devastada, marcada pela brutalidade da Alta Inquisição.

As vastas planícies de Sendaro estavam desertas, exceto por crateras profundas e estruturas derretidas que um dia foram fábricas e cidades.

O céu, tingido de um tom de cinza, estava bloqueado por uma densa camada de fumaça e poeira. O vento cortava como lâminas afiadas, carregando o cheiro de metal queimado e

cinzas. O solo estava rachado, e a vida que restava no planeta parecia ter sido arrancada pela força de uma mão invisível e cruel: a da Alta Inquisição.

Z3-PO, com seus sistemas danificados e a energia diminuindo a cada segundo, avançou lentamente sobre o solo árido de Sendaro. O planeta estava em ruínas, a paisagem desolada, com o que restava de vegetação seco e quebrado, e as antigas formações rochosas, agora corroídas pela brutalidade da Alta Inquisição. Onde um dia havia vida e movimento, agora só existia um deserto sem fim, intercalado por crateras e poeira. O céu, ofuscado pela nuvem espessa de fumaça e poluição, parecia engolir qualquer vestígio de luz.

O dróide, com sua programação intacta e a missão clara, procurava algo que pudesse ajudá-lo a completar sua tarefa. Seu objetivo era simples: encontrar um comunicador para enviar um sinal de emergência, algo que pudesse alertar qualquer resistência ou enviar dados sobre os eventos que se desenrolavam em Sendaro.

Porém, a única coisa que Z3-PO encontrou em seu caminho foi uma pequena vila, quase deserta, marcada pela perda. As poucas pessoas que ainda estavam lá pareciam apenas sombras de si mesmas. O cansaço e o sofrimento eram evidentes em cada rosto. Não havia prédios ou estruturas, apenas algumas construções rudimentares e precárias feitas de materiais quebrados, provavelmente os restos dos antigos assentamentos que haviam sido esmagados pela Inquisição.

Z3-PO se aproximou de um grupo de habitantes, um pequeno número de sobreviventes que pareciam estar em um estado de total desesperança. Um homem de pele escura estava sentado em uma rocha, observando o horizonte, seus olhos vazios. Quando o dróide se aproximou, ele se levantou lentamente, mas não disse uma palavra. Z3-PO, com a voz falha de seus sistemas, falou:

— Por favor, alguém tem um comunicador? Preciso de um para enviar um sinal de emergência.

O homem olhou para Z3-PO, mas não respondeu. Ele simplesmente desviou o olhar, como se o dróide fosse invisível. Outros ao redor estavam igualmente imersos em seu próprio sofrimento, sem uma palavra, sem uma reação. Z3-PO sentiu uma sensação de frustração profunda, mas não se deixou abater. Ele estava determinado a encontrar uma forma de continuar sua missão.

Ele então se aproximou de uma mulher que estava em pé ao lado de uma pequena fogueira apagada. Ela estava de cabeça baixa, o olhar perdido. Quando Z3-PO se aproximou, ela não o olhou diretamente, mas murmurou sem emoção:

— Não temos nada. A Inquisição levou tudo. Não há mais nada aqui que você possa querer, exceto mais dor.

Z3-PO hesitou por um momento, mas manteve o foco. Ele precisava de um comunicador.

— Eu preciso apenas de um comunicador. É urgente. — disse ele com firmeza.

A mulher levantou os olhos para o dróide, sua expressão sem vida. Não havia raiva nem tristeza em seu olhar, apenas uma aceitação silenciosa da miséria que os cercava.

— Comunicador? — ela resmungou, com uma risada sem alegria. — Tudo que tínhamos foi levado, ou destruído. Não há mais esperança aqui. Não há mais ajuda. O que a Inquisição não destruiu, a morte levou.

O planeta estava consumido pelo desespero, mas Z3-PO sabia que precisava de um comunicador para enviar um sinal. Quando ele estava prestes a se afastar em busca de mais pistas, uma nova ameaça surgiu no horizonte.

As silhuetas de tropas da NS começaram a surgir entre a poeira do deserto, marchando com uma precisão implacável. O som das botas pesadas sobre o solo rachado ecoava, uma marca de pura opressão. O símbolo de Mordex brilhava em seus uniformes, e Z3-PO logo percebeu que essas tropas não estavam ali apenas para patrulhar, mas para caçar.

Ele ouviu uma conversa abafada entre alguns dos moradores restantes da vila, que se espalhavam em pânico. As palavras que saíam de suas bocas eram de puro terror.

— Eles estão vindo atrás de nós... — disse uma voz tremida. — Se encontrarem um Qen-Da, será um massacre.

Os soldados da NS avançaram pela vila em uma formação compacta, com suas armaduras negras e seus capacetes espelhados, refletindo a luz do sol do planeta devastado. O ar estava pesado com o cheiro de queimado e o grito distante de outros prisioneiros sendo torturados. As tropas circulavam entre os restos de edifícios destruídos, marchando implacavelmente. O capitão da NS, um homem alto e impiedoso, levantou a mão, fazendo os soldados pararem. Ele observou as pessoas da vila com uma expressão desprovida de emoção, antes de falar com sua voz grave.

— Parem de esconder! Sabemos que um dos Qen-Da está aqui. — A voz do capitão soou firme e cortante, um comando que ressoou como um trovão no silêncio da vila. — Onde está ele?

Os moradores se entreolharam com pavor, mas ninguém respondeu. O capitão sorriu de forma cruel, e com um gesto rápido, deu ordens a seus subordinados. Imediatamente, eles começaram a arrastar os prisioneiros, forçando-os a se ajoelhar no chão enquanto um a um, eram interrogados.

— Não temos tempo para joguinhos. Sabemos que ele está entre vocês. Falem, ou as consequências serão... irreversíveis. — O capitão se aproximou de uma mulher, com um olhar penetrante e ameaçador. Ele colocou a ponta de sua bota sobre o peito dela, pressionando.

— Diga-nos onde ele está, e você será poupada. — Ele sorriu de maneira fria, mas não havia nada de humano em seu sorriso.

A mulher, tremendo, olhou para os soldados ao redor e, finalmente, abriu a boca, mas antes que pudesse responder, um dos prisioneiros ao fundo gritou, desafiador.

— Nunca diríamos a vocês! A Inquisição nunca terá o Qen-Da! Nunca!

O capitão deu um sinal para seus soldados, e o prisioneiro foi imediatamente arrastado para o centro da praça, onde os soldados começaram a torturá-lo, com os gritos ecoando pelo ar.

Z3-PO, de longe, observava tudo, tentando processar a situação enquanto se escondia atrás de uma estrutura em ruínas. Ele sabia que o tempo estava se esgotando, mas ainda assim, ele não podia deixar que aquela luta fosse em vão.

A mulher, que estava sendo ameaçada, finalmente se curvou, sua voz abafada e cheia de terror:

— Eu... Eu não sei onde ele está! Por favor, eu não posso... — Ela começou a chorar, as lágrimas escorrendo pela sujeira de seu rosto, mas o capitão apenas a ignorou, olhando para os outros.

— Alguém sabe onde ele está! — Ele gritou, sua voz cortante. — E se você não falar, a morte será a única resposta!

Os soldados começaram a espalhar-se novamente, forçando cada pessoa da vila a se ajoelhar, uma por uma, e os gritos de medo e dor aumentavam. O capitão deu um último passo para frente, dirigindo-se a um homem idoso, curvado pela idade, com os olhos vidrados de pânico.

— Onde está o Qen-Da? — O capitão perguntou com uma frieza letal.

O homem não respondeu. Não havia nada mais a dizer. Não podia mais resistir. Ele sabia o que aconteceria.

O capitão olhou para ele por um momento, e então fez um sinal para um de seus soldados. O soldado avançou, com um movimento rápido, e, sem hesitar, disparou uma lâmina elétrica de seus punhos. O homem caiu no chão, e o capitão se virou para os outros.

— Ninguém vai nos impedir. Se não falarem, terão o mesmo destino. Todos sabem disso.
— Ele estendeu a mão para os outros prisioneiros, sua voz mais ameaçadora do que nunca. A tensão cresceu quando um homem de pele verde e seis braços se destacou da multidão. Ele estava calmamente observando os soldados, como se já soubesse que seu destino havia chegado.

Com uma velocidade impressionante, o homem de seis braços sacou uma espada de cristal translúcido, a lâmina brilhando com uma luz misteriosa. A espada refletia uma energia pura e quase sobrenatural, e Z3-PO logo soube que este homem era um Qen-Da. Ele estava ali para enfrentar a NS, e não se intimidava nem um pouco.

— Você não vai levar ninguém! — o homem gritou, sua voz cheia de fúria controlada. Ele avançou com uma rapidez letal, cortando os soldados da NS com precisão cirúrgica. A espada de cristal cortava o ar com um som sibilante, e os soldados caíam diante dele, incapazes de reagir. O Qen-Da era uma tempestade de combate, usando seus seis braços para atacar em todas as direções, derrubando os inimigos com golpes rápidos e implacáveis. Ele estava determinado a proteger aqueles que restavam, e a ferocidade de sua luta era um espetáculo de pura habilidade.

Z3-PO observava de longe, incrédulo. Ele sabia que aquela luta era a chance de que precisava. O Qen-Da estava vencendo, mas o tempo estava contra eles. Quando ele derrotou os últimos dos soldados da NS, o Qen-Da parou por um momento para respirar, os músculos tensos e os olhos brilhando com um foco determinado.

Foi então que Z3-PO se aproximou, correndo até ele, com a esperança de que esse ser extraordinário pudesse ser a chave para salvar Kane e o bebê.

— Senhor! — Z3-PO chamou, sua voz carregada de urgência. — Por favor, preciso de um comunicador! Ou, se possível, me leve até Darius. Meu amigo, ele está em perigo... e a criança também! Eu... eu preciso avisar alguém.

O Qen-Da, com seus seis braços musculosos e pele verde, encarou Z3-PO por um momento, um olhar profundo e cansado. Havia uma tristeza em seus olhos, uma dor invisível que parecia vir de uma longa luta perdida. Ele soltou um suspiro pesado, como se já tivesse desistido de lutar contra o destino.

Z3-PO, com sua estrutura metálica tremendo de ansiedade, olhou para o Qen-Da, esperando por uma resposta, e foi aí que o Qen-Da, com uma voz mais baixa e amarga, falou.

— Darius Venn... — o Qen-Da disse com um tom zombador. — Você realmente acha que ele pode te ajudar? Você quer levá-lo de volta, mas o que não sabe é que ele está... afundado em sua própria escuridão agora. O grande Darius... ele está em uma profunda depressão, viciado em **Tzora**, uma droga que enlouquece qualquer um que se aproxime dela. Ou talvez você tenha ouvido falar de **Virnith**, uma substância alucinógena que faz você viajar muito além do cinturão de Kenázie. Também tem o *Drakoza*... uma mistura mortal que ele consome dia e noite. Não há mais Darius, pequeno dróide. O homem que você conheceu está perdido.

Z3-PO ficou em silêncio por um instante, processando as palavras que acabara de ouvir. Sua programação estava sendo testada, ele não podia acreditar no que estava ouvindo. Darius Venn, o homem que ele havia conversado dias atrás, agora se afundando nas drogas e no álcool? O droide não sabia o que sentir.

Ele olhou para o Qen-Da, um misto de confusão e determinação em seus circuitos.

— Mas... eu não posso acreditar nisso. Eu falei com ele recentemente! Ele... ele não pode estar assim! — Z3-PO respondeu, sua voz metálica trêmula, um reflexo de sua frustração interna.

O Qen-Da riu, uma risada amarga, quase zombando da ingenuidade do pequeno droide.

— Você acha que os heróis sempre permanecem heróis, não é? A vida é mais cruel do que você imagina, Z3-PO. Darius não era imune à queda da sua própria galáxia. Ele viu a destruição de tudo em que acreditava... e quando isso acontece, as pessoas não permanecem inabaláveis, elas se quebram.

Z3-PO, ignorando a voz interior que tentava sugerir que talvez o Qen-Da estivesse certo, continuou.

— Eu... eu ainda preciso encontrá-lo. Você... você tem que me levar até ele. Por favor, precisamos de ajuda! — implorou o droide, suas palavras com uma urgência crescente.

O Qen-Da cruzou os braços e balançou a cabeça, um suspiro de resignação escapando de seus lábios.

— Você não entende, não é? Não há mais nada lá. Nada que você ou eu possamos fazer para mudar isso. Darius já perdeu a vontade de lutar. Ele não vai te ajudar... — O Qen-Da então olhou para Z3-PO, seu olhar se suavizando levemente, mas ainda carregado com um peso de dor. — Mas você está insistindo, não está? Não vai desistir, não importa o que eu diga.

Z3-PO piscou com os LEDs, os sistemas de pensamento rapidamente conectando uma solução. Ele sabia que o Qen-Da era duro e resistente, mas ele também sabia que, por mais que o Qen-Da dissesse, essa era sua única chance de chegar até Darius.

— Eu posso encontrar outro jeito... — Z3-PO respondeu, de maneira insistente. — Se você me levar até ele, talvez eu consiga... talvez eu possa ajudá-lo.

O Qen-Da olhou para o droide com uma expressão vazia por um momento, antes de balançar a cabeça.

— Está bem, Z3-PO. Vou te levar até ele. Mas saiba de uma coisa... Darius não será quem você pensa que é quando você o encontrar. E não vou te garantir que ele será capaz de te ajudar.

Z3-PO, quase aliviado por finalmente ter uma resposta, respondeu com um tom de voz que refletia sua persistência.

— Eu só preciso tentar. — Ele olhou para o Qen-Da com uma determinação renovada. — Não importa o que aconteça, eu preciso tentar.

O Qen-Da deu um último suspiro pesado e, com um gesto de mão, indicou que o droide o seguisse.

— Vamos. Mas não espere milagres, Z3-PO. O que você verá vai mudar tudo o que você pensa sobre a galáxia... e sobre as pessoas que você achava que conhecia.

O Qen-Da se virou para Z3-PO, dando-lhe uma última olhada, como se estivesse ponderando sobre o que havia feito. O droide, por sua vez, não sabia ao certo o que esperar a partir daquele momento. O desespero ainda ardia em seus circuitos, mas havia algo novo, uma chama fraca de esperança que começava a brilhar.

O Qen-Da deu um suspiro pesado e, com a voz firme, mas carregada de uma tristeza que Z3-PO mal conseguia entender, disse:

— Eu sou Tarek, filho de Qorak, um dos últimos sobreviventes dos Qen-Da. Mas, muito tempo atrás, eu deixei esse nome para trás. Não sou mais aquele que você imagina... O homem que você procura, Darius Venn, ele... já não é mais quem você pensa. Mas eu o levo até ele, como prometi.

Eles caminharam silenciosamente pela vila desolada, o silêncio de Sendaro pesado ao redor deles. Cada passo parecia ecoar em um vazio profundo, como se o próprio planeta estivesse chorando sua destruição. As poucas pessoas que ainda restavam na vila os observavam de longe, como se o mundo já tivesse acabado para eles. Z3-PO sentiu o peso da desesperança no ar, mas não podia parar. Ele tinha uma missão, algo que precisaria cumprir a qualquer custo.

O Qen-Da, com sua postura rígida e cansada, não parava. Ele olhava para frente, mas suas palavras não eram mais de orientação, e sim de resignação.

— Você vai ver, Z3-PO. A galáxia nunca foi feita para heróis. Apenas para sobreviventes. E você está indo atrás de um homem que não existe mais. Vamos, antes que os Inquisidores nos encontrem.

Ao chegarem na casa de Tarek, o Qen-Da abriu a porta e fez um gesto para Z3-PO entrar. O interior era simples, com apenas o essencial: um espaço apertado, mas funcional, com poucas camas improvisadas e algumas ferramentas espalhadas pelo chão. Não havia luxo, apenas o necessário para sobreviver.

Tarek entrou e se sentou em um banco de madeira, visivelmente exausto. Ele passou as mãos pelo rosto, como se tentasse afastar os pensamentos pesados que o atormentavam. Z3-PO ficou parado por um momento na entrada, observando o lugar. Mesmo com a atmosfera carregada de desolação, ele sentiu que, por ora, tinha encontrado um lugar seguro. Ele não podia se dar ao luxo de parar, mas seu corpo precisava de descanso.

Tarek olhou para o droide e, com um suspiro cansado, disse:

— Acalme-se, Z3-PO. Estamos longe da Inquisição por enquanto. Pode descansar. Amanhã começamos a buscar Darius.

Z3-PO acenou com a cabeça, se aproximando de uma das camas improvisadas. Seu corpo metálico se acomodou enquanto seus sistemas continuavam a funcionar, mas ele não conseguia desviar o pensamento de tudo o que ainda precisava fazer. Kane, o bebê, Darius... Ele tinha muito a cumprir.

Tarek se levantou e foi até uma mesa pequena onde um holograma de uma galáxia em ruínas estava projetado. Ele tocou um ponto específico, onde o planeta Sendaro ainda mostrava sinais de devastação. Depois de alguns momentos, ele se virou para Z3-PO, visivelmente cansado, e falou:

— Não se esqueça, pequeno dróide, a Inquisição não vai parar. O caminho que você escolheu não será fácil.

Z3-PO, mesmo cansado, olhou diretamente para Tarek e respondeu com uma determinação renovada:

— Eu não vou desistir. Vou encontrar Darius e salvar a criança... e o meu amigo...

Tarek observou o droide por um momento antes de suspirar e se sentar novamente, olhando para a parede de sua casa. A luz era fraca, e o ambiente tinha um ar pesado, como se o próprio planeta estivesse suspirando por alívio.

— Então, descanse. Amanhã, a busca começa. Mas prepare-se para o pior.

Z3-PO se deitou em sua cama improvisada, seus sistemas em repouso, mas sua mente ainda trabalhava. Ele sabia que o futuro era incerto, mas sua missão ainda estava clara. E, seja qual fosse o custo, ele seguiria em frente.

O silêncio tomou conta da pequena casa, o som do vento lá fora sendo o único a quebrar a quietude. E assim, o droide descansou, mas nunca parou de pensar no que viria a seguir.

— CAPÍTULO CINCO —

A Vida é Bela

A nave de Mordex se aproximava com uma lentidão opressiva, sua forma imensa e negra engolindo a escuridão do espaço, como uma presença que não podia ser ignorada. O som de seus motores, abafado e quase imperceptível, reverberava pelas paredes da estação de comando. Cada pulsar de energia era um lembrete do poder destrutivo que aquela estrutura colossal representava, um preságio de violência e controle absoluto.

A nave parecia uma extensão da própria morte. Seu casco, negro como a escuridão mais profunda do universo, era adornado com detalhes vermelhos, como manchas de sangue que manchavam o campo vazio ao redor. Ela não era apenas uma nave de guerra; era uma fortaleza ambulante, uma máquina projetada para dominar, destruir e submeter. Seus sistemas, implacáveis e avançados, eram criados para esmagar qualquer resistência e sufocar qualquer chama de esperança.

Dentro de sua nave, a atmosfera era gelada, e o silêncio era absoluto. Apenas o som rítmico e abafado dos passos metálicos de Mordex preenchia o corredor escuro. Ele caminhava com sua presença imponente, sua armadura negra refletindo um brilho sinistro. A respiração mecânica, profunda e ritmada, parecia acompanhar cada passo, como se a própria morte estivesse perto.

Os subordinados da Alta Inquisição estavam em formação, em pé, como soldados nazistas em um campo de execução, aguardando o inevitável. Mordex se aproximou de uma sala de interrogatório, onde Kane, o contrabandista, estava preso. O homem estava em um estado deplorável, as mãos algemadas e a cabeça baixa, incapaz de fugir ou se mover. O medo estava estampado em seu rosto.

O capitão da nave, um oficial da Alta Inquisição de uniforme preto, estava esperando à porta da sala.

— Senhor Mordex — disse o capitão, curvando-se rapidamente. — O prisioneiro está sob vigilância, mas não conseguimos arrancar nenhuma informação. Ele permanece em silêncio.

Mordex se aproximou da mesa de interrogatório, suas botas pesadas fazendo eco a cada passo. A luz de seu capacete vermelho iluminava seu rosto de maneira ameaçadora. Seus olhos, ocultos por trás de sua máscara escura, estavam fixos em Kane.

— Fique fora. — A voz de Mordex foi fria e autoritária. — Eu farei o trabalho.

O capitão não ousou argumentar. Ele deu uma última olhada para Kane antes de sair apressadamente. O som da porta se fechando ecoou pelo espaço.

Kane levantou a cabeça, sentindo o peso da presença de Mordex, e sentiu seu coração gelar. Ele já sabia o que estava por vir.

Mordex deu um passo à frente e observou o prisioneiro, seu corpo imenso e ameaçador parado diante de Kane. Ele não disse nada no início. Apenas ficou em silêncio, esperando que Kane falasse. Mas o contrabandista, que sabia que não tinha mais nada a perder, permaneceu em silêncio.

— Você tem uma escolha, contrabandista. — A voz de Mordex soou como um trovão metálico, suas palavras uma promessa de sofrimento. — Você pode falar e me dar as informações que preciso... ou posso forçá-lo a falar.

Mordex deu um passo à frente e, com um movimento rápido, usou sua mão direita para ativar um dispositivo que liberava uma onda de energia psíquica, irradiando diretamente para a mente de Kane. A dor foi insuportável, uma pressão esmagadora que ameaçava partir sua consciência. Kane caiu de joelhos, gemendo de dor.

— Onde está a criança, Kane? Onde está o bebê? — Mordex exigiu, sua voz fria como o aço.

Kane, desesperado, mas mantendo a coragem, olhou para ele e balbuciou, sua voz cheia de raiva e dor:

— Você nunca vai conseguir... Eu não vou te dizer... Nunca...

Mordex permaneceu em silêncio por um momento, como se estivesse avaliando a resposta. Seus olhos, ocultos por trás da máscara, pareciam ter uma fúria crescente.

De repente, ele deu um passo à frente, pegou o capitão da nave que estava esperando fora da sala e o puxou para dentro. O capitão, com medo visível, tentou protestar, mas antes que pudesse dizer algo, Mordex usou uma força esmagadora para erguê-lo pelo pescoço com uma mão, como se fosse uma criança.

— Você falhou. — Mordex disse com calma, quase com desdém. Ele apertou mais forte, fazendo o capitão sufocar e lutar para respirar. — Sua incompetência é inaceitável.

O capitão se contorceu, mas não conseguiu escapar da força de Mordex. Com um simples movimento, o líder da Alta Inquisição quebrou o pescoço do capitão, como se fosse um simples galho quebrando sob a pressão.

O corpo do capitão caiu no chão, sem vida, enquanto Mordex olhava fixamente para Kane, que tremia de medo. O prisioneiro sabia que seria o próximo, caso não falasse.

— Agora, você vê a consequência da sua resistência, Kane? — Mordex disse, a voz fria como a morte. — Eu não tenho paciência para aqueles que me desafiam.

Kane engoliu em seco, tentando esconder o medo, mas Mordex já sabia que o contrabandista estava começando a ceder. A mão de Mordex se levantou novamente, e o ar ao redor de Kane parecia condensar.

— Fale, e sua morte será mais rápida. Mas se continuar me desafiando... você sentirá a dor que nem mesmo a morte pode apagar.

Kane, sem opções, finalmente cedeu, seus lábios tremendo, e disse:

— Eu não sei... Eu não sei onde a criança está. Mas... o homem... O homem que estava com ela... está em Tessira... Isso é tudo o que eu sei...

Mordex ouviu as palavras com calma, seu olhar fixo no prisioneiro. Por um momento, o silêncio reinou na sala, mas logo o som de sua respiração metálica se fez ouvir mais uma vez.

— Muito bem. Você é útil... por enquanto. — Mordex se virou para os outros subordinados na sala. — Preparem-se. Vamos para Tessira. Todos os rastros da criança precisam ser apagados. Não deixem nada para trás.

Com um gesto de sua mão, Mordex fez os subordinados saírem rapidamente, obedecendo sem hesitar. Ele olhou mais uma vez para Kane, com uma expressão que ninguém poderia ver, mas todos podiam sentir.

— Prepare-se, contrabandista. Sua jornada ainda não acabou. Você me levará até o que quero, mesmo que eu tenha que quebrá-lo completamente para isso.

E assim, a nave de Mordex rumou em direção a Tessira, deixando para trás um rastro de morte e destruição, com a Alta Inquisição decidida a caçar o que restava da resistência.

O silêncio na ponte da nave de Mordex era profundo e absoluto. A vasta sala de comando, fria e iluminada por luzes pulsantes, estava tomada por uma aura de disciplina implacável. Subordinados de diversas classes e raças estavam alinhados, seus olhos fixos nos painéis de controle. O ambiente estava impregnado de uma tensão palpável, como se todos

soubessem que qualquer erro, por menor que fosse, poderia resultar em uma punição imediata.

Mordex se encontrava no centro da sala, sua figura imponente envolta em uma armadura negra. O som de sua respiração mecânica reverberava pela sala com um ritmo monótono e grave, cortando o silêncio com uma pressão insuportável. Cada movimento seu era meticulosamente calculado, refletindo a pura disciplina de um líder absoluto.

Ele estava em controle, e todos sabiam disso.

— Relatórios. — A voz de Mordex cortou a quietude com uma frieza calculada.

O tenente responsável pela nave, com a testa suada e os nervos à flor da pele, se adiantou. Ele falava rápido, sem ousar desviar o olhar do chão.

— Senhor, o rastreamento da nave está completo. A missão para capturar a criança e os fugitivos está em andamento. Estamos a uma hora do planeta Tessira.

Mordex não se mexeu, permanecendo em sua posição de comando, observando o tenente com uma intensidade que quase sufocava. A respiração dele ficou mais pesada, mais densa, como se o ar estivesse sendo absorvido por uma força desconhecida.

— A missão está “em andamento”, você diz? — Mordex perguntou lentamente, quase como se estivesse medindo cada palavra do subordinado. — Espero que isso signifique que a tarefa está sendo cumprida com perfeição. Não aceito falhas.

O tenente engoliu em seco. A tensão na sala era quase insuportável.

— Não há falhas, senhor. Todos os esquadrões estão prontos para invadir Tessira e... — O homem se calou ao perceber o olhar fulminante de Mordex.

Antes que ele pudesse completar a frase, Mordex se moveu com a velocidade de uma cobra, a presença dele ocupando toda a sala. Ele não levantou a mão, mas sua força psíquica era evidente, com uma densa e nefasta nuvem saindo do Tirano e envolvendo o tenente. O tenente foi levitado do chão, suas mãos se apertando contra a peito, tentando desesperadamente respirar fundo, pois seu coração disparou. Seus pés batiam fracos contra o chão enquanto o ar se tornava mais espesso a cada segundo.

A pressão parecia crescer, como se a atmosfera ao redor dele estivesse sendo comprimida. O tenente tentou abrir a boca para gritar, mas nenhuma palavra saía. O ar estava se tornando mais rarefeito, como se todo o oxigênio da sala estivesse sendo retirado de seus pulmões. Seu peito se expandia com esforço, mas o ar se recusava a entrar.

Sua visão se distorceu à medida que seu coração acelerava de forma descontrolada. Batidas fortes e rápidas ecoavam em seus ouvidos, e seu corpo começava a tremer, incapaz de lidar com a pressão que aumentava. Ele sentiu sua pele ficar fria, seus dedos se entorpecendo enquanto uma dor lancinante se espalhava por seu peito.

Foi quando a dor atingiu seu ápice que ele percebeu: algo não estava certo. Seu coração, bombando freneticamente, parecia se tornar uma carga de energia insuportável, como se estivesse prestes a explodir. Ele sentiu uma dor aguda, um formigamento selvagem em seu peito, e então a pressão de sua própria circulação parecia estar descontrolada. Seu coração palpitava descompassado, e suas artérias pulsam com tanta força que ele sentiu como se fosse esmagado de dentro para fora.

Com um estalo quase imperceptível, o coração do tenente finalmente cedeu sob a pressão de sua própria aceleração. A dor, que até então parecia insuportável, explodiu em um ponto culminante, e seu peito se contraiu violentamente. Ele caiu, seus olhos ainda arregalados, enquanto sua respiração se tornava mais fraca a cada segundo.

O corpo do tenente foi deixado cair ao chão, sem vida. Mordex não fez movimento algum. Sua presença estava ali, firme, imutável, observando os efeitos devastadores de sua força. O silêncio retornou à sala, ainda mais pesado que antes. Mordex, como se nada tivesse acontecido, se virou para o resto dos oficiais, que estavam agora petrificados, incapazes de reagir. Seus olhares estavam fixos no chão, evitando a presença opressiva de Mordex.

— Alguma outra falha? — Mordex perguntou, sua voz carregada de uma ameaça inevitável.

Ninguém ousou falar.

Mordex então se dirigiu para o painel de comando, onde o capitão da nave aguardava, com um olhar de pura obediência. A expressão do capitão era imutável, mas seus olhos revelavam o medo de quem sabia que qualquer deslize poderia ser fatal.

— A missão prossegue, senhor, sem mais contratempos. As tropas da Alta Inquisição estão posicionadas e prontas para invadir. O planeta Tessira será purificado. A criança e os fugitivos serão capturados ou mortos.

Mordex olhou para o capitão com um olhar vazio, como se estivesse avaliando sua utilidade. Sua respiração mecânica era a única coisa audível, e a sala inteira parecia se curvar à sua presença.

— Não subestime a capacidade da resistência. — Mordex falou finalmente, sua voz suave, mas mortal. — A Alta Inquisição não perdoa, e quem falha não merece viver.

Ele fez um gesto com a mão, indicando que o capitão podia seguir. Mordex então se afastou, caminhando em direção à porta da sala. Seu passo era firme, e o peso de sua presença fazia a sala inteira tremer.

Quando ele atravessou a porta, os subordinados retomaram seus postos, mas a atmosfera estava densa, como se estivessem todos à beira do abismo. Mordex era implacável. Ele não era apenas um líder; ele era a execução da vontade da Alta Inquisição.

Nada escapava de seu controle. E todos sabiam que qualquer um que cruzasse seu caminho, ou falhasse em sua missão, pagaria com a vida.

A Alta Inquisição avançaria. E o planeta Tessira se curvaria sob seu punho de ferro.

– CAPÍTULO SEIS –

Rumo a Tessira, Se a Sucata Não Cair!

Z3-PO despertou lentamente, seus sistemas reiniciando com um zumbido suave. Seus sensores registraram a luz fraca e amarelada de um ambiente apertado e desgastado. Ele piscou suas luzes ópticas, ajustando-se ao local rudimentar. Tarek, o guerreiro Qen-Da, estava ao lado de uma mesa, terminando de ajustar as correias de sua armadura de combate.

— Finalmente acordou, pedaço de lata. — disse Tarek, em seu tom ríspido habitual. — Se quisermos chegar a Tessira antes que a Inquisição nos alcance, precisamos partir agora. Z3-PO inclinou sua cabeça metálica, analisando Tarek.

— Ora, mas que maneira calorosa de dar bom dia a um dróide em recuperação. Onde está o seu senso de hospitalidade, mestre Qen-Da? — Ele olhou ao redor, registrando o ambiente simples e rústico. — Ah, eu entendi... ele provavelmente foi destruído junto com o resto do planeta.

Tarek ignorou a provocação, indo em direção à saída da casa.

— Vamos logo. Não tenho paciência para suas piadas.

O dróide desceu da mesa com um leve rangido em suas juntas e o seguiu pela trilha que levava a uma clareira. Ali, repousava uma nave antiga, claramente desgastada pelo tempo. Placas de metal remendadas cobriam partes da fuselagem, e manchas de ferrugem adornavam sua superfície. Z3-PO parou abruptamente, observando a nave com uma expressão quase cômica de incredulidade.

— Isso é uma nave? — perguntou ele, num tom de falsa admiração. — Que obra-prima da engenharia! Certamente ela deve estar em algum museu de relíquias obsoletas.

Tarek virou-se imediatamente, o olhar endurecido.

— Se quiser continuar inteiro, pare de falar.

Z3-PO piscou suas luzes por um instante, simulando uma pausa nervosa.

— Certo, certo... Brincadeiras de lado. Tenho certeza de que essa “maravilha” voa.

Tarek subiu a rampa, e Z3-PO o seguiu, embora hesitante. O interior da nave era tão mal conservado quanto o exterior. Painéis de controle estavam cobertos de poeira, cabos expostos pendiam das paredes, e o banco de dados parecia não ser usado há décadas.

Tarek foi até o painel principal e começou a analisar os controles. Ele se virou para o dróide.

— Conecte-se ao banco de dados e encontre as coordenadas de Tessira.

Z3-PO cruzou os braços metálicos.

— Oh, claro, deixe-me me conectar a essa maravilha tecnológica e correr o risco de fritar meus circuitos. Eu passo.

— Não estou pedindo, dróide.

Z3-PO inclinou levemente a cabeça, em um gesto quase desafiador.

— Mestre Qen-Da, eu já tenho as coordenadas armazenadas em binário. Não preciso me conectar a esse... pedaço de lixo interestelar para encontrá-las.

Tarek estreitou os olhos.

— Se tem as coordenadas, então diga logo.

O dróide emitiu um som que parecia uma bufada eletrônica.

— Raio (R): 1111100001010000... Declinação (D): 1011101010001110... Ascensão (A):

Z3 simulou um suspiro dramático.

— Muito bem, muito bem. Vou tentar conter meus comentários, embora, devo dizer, esta nave faz o trabalho por mim ao ser tão... expressiva.

Tarek finalmente girou o rosto para encarar o dróide, claramente irritado.

— Fique quieto, ou eu juro que você vai sair voando antes que cheguemos a Tessira.

Z3-PO levantou as mãos metálicas em um gesto de rendição.

— Certo, sem mais comentários. Eu só espero que quando cairmos em pedaços no espaço, você me dê o crédito por ter avisado.

Outro solavanco, mais violento que os anteriores, fez um painel no teto se soltar parcialmente e balançar perigosamente acima das cabeças de ambos. Tarek lançou um olhar para o dróide, mas Z3 não disse nada, apenas piscou suas luzes em um gesto que parecia dizer "eu avisei".

A nave continuou sua ascensão turbulenta enquanto ambos se preparavam para o próximo salto para a dobra espacial, cada um com seus próprios pensamentos sobre o quão precária era aquela situação.

Z3-PO estava perdido em seus próprios cálculos internos, analisando possibilidades em um frenesi silencioso enquanto a nave sacolejava e rangia ao redor dele. Em sua mente, trilhões de cenários se desenrolavam.

"Se encontrarmos Darius Venn, qual a probabilidade de ele cooperar imediatamente? 0,002%. Persuadi-lo exigirá lógica emocional. Mas o que pode ser suficientemente persuasivo? Recordações de suas glórias passadas? Talvez... E como abordar Kane? Ele está em cativeiro de Mordex. Possibilidades de resgate direto: 0,00004%. Requer aliados. A criança. Precisamos protegê-la. Ela é a chave para tudo."

Z3-PO estava tão imerso em suas projeções que não percebeu a nave entrando na atmosfera de Tessira. A fuselagem estalava com o atrito, e o calor do reentrada tornava o interior ainda mais sufocante. A nave começou a tremer violentamente, mas o dróide estava alheio a tudo, murmurando para si mesmo.

"E se Mordex já estiver em Tessira? A probabilidade é pequena, mas não desprezível. Precisamos de um plano para despistar..."

— Acorda, sucata ambulante! — gritou Tarek, interrompendo os devaneios de Z3.

— O quê? Oh, entramos na atmosfera! Que emocionante! — Z3 respondeu, finalmente voltando sua atenção para a nave.

A turbulência tornou-se insuportável, e um alarme estridente começou a soar.

— Eu sabia que essa nave era um desastre em potencial! Vamos despencar, não vamos?

— perguntou Z3, os olhos piscando freneticamente.

Tarek ignorou o sarcasmo e ergueu as mãos, concentrando-se profundamente. Uma aura azulada começou a emanar de suas palmas, crescendo rapidamente ao redor deles. Em segundos, uma bolha translúcida os envolveu, absorvendo parte da energia caótica dentro da cabine.

— Segure-se! — Tarek rosnou enquanto a nave começava a cair em espiral, girando descontroladamente.

Com um estrondo ensurdecedor, a nave atingiu as dunas de areia de Tessira, levantando uma nuvem gigantesca de poeira dourada. O impacto foi amortecido pela bolha de proteção de Tarek, mas ainda assim os sacudiu violentamente. A nave finalmente parou, meio enterrada na areia quente.

Z3-PO piscou suas luzes, atordoado.

— Ah, que aterrissagem... memorável. Posso sugerir um piloto automático da próxima vez?

Tarek suspirou pesadamente e desfez a bolha. Ele abriu a escotilha da nave e saiu, chutando uma pilha de areia que havia se acumulado na entrada.

— Pare de reclamar e vamos. A vila mais próxima não está longe.

Eles começaram a caminhar pelas dunas. O calor era intenso, e o horizonte estava coberto por ondas de calor que deformavam a paisagem. Depois de um tempo, as estruturas da vila começaram a surgir no horizonte: um aglomerado de prédios baixos e poeirentos, com formas arredondadas e um ar decadente. Torres improvisadas de metal enferrujado despontavam aqui e ali, e o som de conversas e máquinas em funcionamento chegava até eles.

A vila era um caos de vida alienígena. Criaturas de várias raças andavam pelas ruas estreitas e lotadas, negociando, discutindo ou apenas tentando sobreviver. Havia bares com portas abertas, mostrando interiores escuros e esfumaçados, onde figuras sombrias bebiam líquidos de cores estranhas em copos improvisados. Mercadores gritavam para atrair compradores para suas bancas, enquanto crianças alienígenas corriam pelas vielas. Z3-PO observou tudo com uma mistura de fascínio e desconforto.

— Bem, certamente é... vibrante. — ele comentou, tentando evitar pisar em algo indesejável no chão poeirento.

Tarek não respondeu, avançando determinado. Ele parou em frente a uma entrada de bar, decorada com luzes intermitentes e letreiros em línguas alienígenas.

— Vamos ver se conseguimos informações sobre Darius aqui. Mas fique quieto, sucata ambulante. Não tenho paciência para suas ironias hoje.

Z3 ergueu as mãos em sinal de rendição, embora seus sensores já estivessem captando todas as possibilidades caóticas que aquela vila oferecia. Eles adentraram no bar, prontos para a próxima etapa da jornada em busca de Darius.

Eles caminharam até um costumeiro bar que Darius se embreagava, o Nebuo, um bar decadente de Tessira. E eles adentraram.

O interior do bar era um antro de decadência. A iluminação era escassa, e uma fumaça espessa pairava no ar, resultado de substâncias alienígenas sendo consumidas em todas as formas possíveis. O cheiro era uma mistura de suor, álcool barato e algo metálico que incomodava até mesmo os sensores de Z3-PO.

No fundo do bar, escondido na penumbra, estava Darius Venn. Ele estava irreconhecível. Aquele que antes era um guerreiro resolutivo agora era apenas uma sombra de si mesmo. Sua barba estava grande e desgrenhada, e seus olhos fundos e avermelhados refletiam uma mistura de dor e embriaguez. Garrafas de formatos e cores diferentes se acumulavam sobre a mesa, e ele segurava uma delas com tanta força que parecia estar tentando esmagá-la com os dedos.

Tarek e Z3-PO pararam na entrada, ambos surpresos e desconcertados ao verem o estado de Darius.

— É... ele, não é? — perguntou Tarek, franzindo o cenho.

— Sim, mas... algo está terrivelmente errado. — Z3-PO respondeu, piscando nervosamente.

Eles se aproximaram cautelosamente. Quando chegaram à mesa, Darius levantou os olhos para eles, e sua expressão passou de confusa para agressiva em segundos.

— Quem diabos são vocês?! — ele rosnou, sua voz rouca. — O que querem comigo?!

— Darius, somos nós. — Z3-PO começou, com sua voz metálica tentando soar reconfortante. — Você falou comigo e com Kane há dias atrás, lembra? Disse que se precisarmos de ajuda durante o trajeto iria nos ajudar.

Darius riu, um som amargo e vazio.

— Ajudar? — ele balbuciou, antes de dar outro gole na bebida e bater a garrafa na mesa.

— Não posso ajudar ninguém. Nem a mim mesmo.

Tarek se aproximou, cruzando os braços e olhando diretamente para Darius.

— Você precisa reagir. Há pessoas contando com você. Uma criança está em perigo.

Mas Darius apenas balançou a cabeça, rindo novamente, desta vez com lágrimas nos

olhos.

— Uma criança... Não vou me envolver, senão todos vão morrer. Por minha causa. Igual ao Max.

Z3-PO inclinou a cabeça, confuso.

— Max? Quem é Max?

Darius ergueu os olhos para Z3, sua expressão uma mistura de raiva e tristeza.

— Não diga esse nome! Não tem o direito! — ele gritou, levantando-se de forma trôpega e apontando um dedo trêmulo para o dróide.

Tarek segurou o ombro de Darius, forçando-o a sentar-se novamente.

— Controle-se. Estamos tentando ajudá-lo.

Darius cedeu, caindo de volta na cadeira. Ele cobriu o rosto com as mãos, os ombros tremendo enquanto soluços escapavam de sua garganta.

— Eu destruí tudo. A vida dele. A família dele. Não era pra acontecer... não era pra acontecer! — ele murmurou, repetindo as palavras como um mantra.

Z3 hesitou, mas finalmente perguntou com cuidado:

— O que aconteceu com Max?

Darius olhou para eles com olhos marejados, mas não respondeu imediatamente. Ele apenas se virou para outra garrafa, tentando abrir com mãos trêmulas.

— Foi minha culpa. Meu erro. Eu falhei... eu falhei. Como sempre.

Tarek bateu com força na mesa, o som ecoando pelo bar.

— Chega disso! Se afundar em bebida não vai consertar nada! Você quer redenção? Quer fazer algo útil? Ajude-nos a salvar Kane e a criança!

Darius ficou imóvel por um momento, o eco das palavras de Tarek parecendo atravessá-lo. Ele finalmente abaixou a garrafa e esfregou o rosto com as mãos.

— Kane... quem diabos é Kane?

Darius ficou em silêncio, olhando para a mesa como se estivesse vendo outra coisa. Finalmente, ele sussurrou:

— Max nunca me perdoaria...

Tarek se inclinou, segurando o olhar de Darius com firmeza.

— Talvez não, mas agora você tem uma escolha. Vai se redimir ou continuar se afundando?

Darius respirou fundo, sua postura começando a mudar, mesmo que minimamente. O homem destruído ainda estava lá, mas algo parecia estar despertando, uma centelha que havia sido enterrada sob camadas de culpa e desespero.

— Me deem um motivo... — ele murmurou. — Um motivo pra acreditar que ainda posso fazer algo certo.

Z3-PO inclinou a cabeça, suas luzes piscando com intensidade.

— Kane e a criança precisam de você. É o suficiente?

Darius permaneceu em silêncio, os olhos perdidos em algum ponto distante, como se estivesse lembrando algo que havia tentado enterrar. Suas mãos estavam trêmulas, mas ele não as levantava para mais uma dose de bebida. O peso das palavras de Z3 parecia estar se infiltrando lentamente, embora ele tentasse resistir.

— Um motivo... um motivo para acreditar que ainda posso fazer algo certo. — Ele repetiu as palavras para si mesmo, sua voz baixa, quase inaudível. Ele nunca imaginara que o que ele fizera a Max o assombraria dessa forma. Nunca imaginara que a dor causada pela perda de um amigo, de alguém que ele jurara proteger, fosse tão esmagadora.

Ele fechou os olhos por um momento, respirando fundo, tentando encontrar algum centelha de redenção, mas não conseguia.

— Eu falhei com Max... eu falhei com todos. Com a família dele... A dor, as lembranças... são tudo o que me restou. — Ele murmurou, sua voz embargada.

Z3-PO observou Darius em silêncio, seu sistema de processamento tentando entender a complexidade da situação. O dróide já havia lido a dor e a culpa que transbordavam de Darius, mas não conseguia entender completamente o peso que aquele homem carregava. Tarek observava, impassível, mas com um olhar que denotava uma mistura de compaixão e impaciência. Ele já vira a perda de alguém de perto. Sabia que a única maneira de seguir em frente, de realmente se redimir, era agir.

— Darius... — Tarek falou com a voz grave e firme. — Você não pode continuar se punindo. Eu não sou você, mas já vi o que a culpa pode fazer com uma pessoa. Não podemos mudar o passado, mas podemos escolher o que fazer a partir deste momento. A criança precisa de você. Kane precisa de você. A chance de salvar alguém ainda está ao seu alcance.

O silêncio que seguiu foi denso. Darius parecia estar em conflito consigo mesmo, como se suas próprias palavras estivessem lutando contra a escuridão em seu coração. Ele olhou para as garrafas vazias sobre a mesa, então para Tarek, e depois para Z3-PO. Seu olhar estava mais focado, mas ainda com uma tristeza insuportável.

— Eu... Eu não sei se consigo, Tarek. — Ele murmurou, a voz embargada. — Max... me perdoaria por isso? Porque eu nem sei se consigo me perdoar.

Z3-PO, com sua voz metálica e direta, respondeu com uma ponta de sinceridade que raramente se ouvia em um dróide.

— Max não está mais aqui para perdô-lo, Darius. Mas você ainda tem a chance de fazer algo de bom. Para a criança. Para Kane. Isso é tudo o que importa agora.

Darius olhou para o chão, e por um breve momento, ele parecia perder o contato com a realidade ao seu redor. Sua mente estava distorcida, uma luta interna contra o peso da culpa que o havia arrastado até ali. Mas então, um brilho de esperança começou a surgir, como uma estrela distante que, após um longo tempo de escuridão, finalmente se faz visível no céu.

Ele levantou a cabeça. Não era mais um homem derrotado, mas alguém que, ao menos, queria tentar se encontrar de novo.

— Você tem razão. — Ele disse, agora com uma determinação crescente, como se estivesse ouvindo um eco distante de si mesmo. — Eu não posso voltar atrás e consertar o que fiz, mas... pela criança, eu vou tentar.

Tarek e Z3-PO trocaram um olhar, e algo dentro de ambos se aqueceu. A missão agora parecia um pouco mais clara, e Darius, embora ainda atormentado, estava finalmente começando a aceitar seu papel nesse momento crucial. Ele não estava mais afundando. Talvez houvesse uma chance, uma luz no fim do túnel.

— Vamos. — Darius levantou-se, e sua postura, embora marcada pela dor, estava agora mais firme. — Me mostre o que eu preciso fazer. Eu vou até o fim, por Max... e por eles. Z3-PO observou a mudança, com sua programação ajustada para perceber nuances de comportamento.

— Bom. Vamos atrás de Kane. Temos muito trabalho pela frente.

Tarek olhou para ele, satisfeito por ver uma reação de determinação, e antes que pudesse dizer mais alguma coisa, a imagem de Max, sua morte e seu sofrimento, se desvaneceram nas memórias distantes de Darius. Agora, ele se sentia pronto para seguir em frente, com uma única missão: salvar a criança, e talvez, de algum modo, encontrar a paz que tanto buscava.